

Fernando Cambongue

**O Dia Que o Sol Não Parou
- A GALINHA -**

*Como num concurso
de artes, a comédia,
o romance, a acção,
e a ciência, além das
páginas, o suspense
te espera.*

O Dia Que o Sol Não Parou



Fernando Cambongue

Ficha Técnica:

Título: O Dia Que o Sol Não Parou – A Galinha.

Autor: António Fernando Cambongue

Editora Digital: "ÁGUA PRECIOSA"

Texto: Verdana 12

Design de Capa: Belson Hossi, Caquene J. J. Cambongue

Revisão de Texto: Abílio Lupenha, Francisco Fernando

Lubango, 2022

Índice

- DEDICATÓRIA	-	8
- AGREDECIMENTOS	-	10
- PREFÁCIO	-	12
- CAPÍTULO [1]	-	14
- CAPÍTULO [2]	-	22
- CAPÍTULO [3]	-	26
- CAPÍTULO [4]	-	28
- CAPÍTULO [5]	-	32
- CAPÍTULO [6]	-	36
- CAPÍTULO [7]	-	46
- CAPÍTULO [8]	-	51
- CAPÍTULO [9]	-	52
- CAPÍTULO [10]	-	59
- CAPÍTULO [11]	-	63
- CAPÍTULO [12]	-	70
- CAPÍTULO [13]	-	86
- CAPÍTULO [14]	-	94
- CAPÍTULO [15]	-	97
- CAPÍTULO [16]	-	113
- CAPÍTULO [17]	-	124
- CAPÍTULO [18]	-	128
- CAPÍTULO [19]	-	133

-	CAPÍTULO [20]	-	137
-	CAPÍTULO [21]	-	141
-	CAPÍTULO [22]	-	148
-	CAPÍTULO [23]	-	156
-	CAPÍTULO [24]	-	158
-	CAPÍTULO [25]	-	162
-	CAPÍTULO [26]	-	165
-	CAPÍTULO [27]	-	167
-	CAPÍTULO [28]	-	169
-	CAPÍTULO [29]	-	183
-	CAPÍTULO [30]	-	187
	Dicionário de palavras		191
	SOBRE O AUTOR		195

Aquele que lê livros de histórias de guerras, se torna num grande professor de histórias, mas aquele que vive um momento de guerra, não só se torna num grande historiador mas sente remorso por ela.

Kailo David Cambongue

- **DEDICATÓRIA** -

...

O Dia Que o Sol Não Parou é dedicado:

1ª Pessoa

Ao meu caríssimo amigo, Paulino João Nambalo (Chris), pelo seu lado artístico e sério; por ter se disponibilizado a participar nesta obra como romance escrito e por responder com prontidão ao meu pedido para participar na mesma obra, excerto do livro - o dia que o sol não parou – A Galinha, como artista do filme (gravado) em acção com parágrafos de suspense.

2ª Pessoa

Ao meu amado e querido amigo Dr. Paul Philips e a todos os amigos na Bélgica, que amam e têm acompanhado as minhas obras literárias.

Ainda me lembro: "Manners make man. Do you know what's that means?" (Kingsman).

- **AGREDECIMENTOS** -

...

Ao Eterno e Supremo arquitecto do universo, Rei dos Reis, Senhor dos Céus e da terra. (Se não fosse Ele, de onde viriam tais parágrafos? Toda a sabedoria e toda ciência, vem Dele);

É de boa prudência, citar o notável Dr. Professor Abílio Lupenha, pela sua plena disposição e confiança que teve ao se oferecer para revisar esta obra;

Ao grande boss, Valentino Homba Cáires, pela hospitalidade, visão e participação construtiva em todo o momento que gravávamos em câmeras reais o, "no mundo tereis aflições – a galinha, excerto do livro, o dia que o sol não parou);

A todos aqueles que se disponibilizaram para participar neste romance escrito e especialmente aos que responderam com prontidão ao meu pedido para participar no filme real, excerto de, "o dia que o sol não parou – a galinha; capítulo 18, em acção com parágrafos de suspense;

A todos vos que tendes seguido o meu lado literário com um olhar crítico; obrigado! Na verdade, também é para vocês que eu escrevo; não vou deixa-los na mão, "se vai chover ou não, olha nos céus, não perguntes à galinha", ainda tem mais um...

Pelo dom da vossa disponibilidade, eu vos convido a acreditar que realmente estou muito grato!

- **PREFÁCIO** -

...

Realmente teve um dia que o sol parou. Mas por que? Imagine que você se encontre numa situação de grande perigo, em que um grande inimigo lhe persegue e uma mira de morte está sobre suas costas, e, o único que pode impedir esse inimigo é a luz do sol; você correria para ficar na frente do sol, ou somente correria atrás dele para agarrar o dia?...

Verdadeiramente, Chris estava numa situação de alto alarme, suplicou ao sol que parasse, - Sol, pare!... mas o sol não parou; a noite chegou e ela ressuscitou outro inimigo, o mais perigoso e, esse inimigo, vestido de fúria dominou todo o tempo a seu favor... e... como num concurso de artes, o palco das cenas se abriu: A comédia, o romance, a acção e a ciência ocuparam as páginas de cada minuto da noite... Mas o terror não ficou de parte.

... Como pedras e flechas que têm olhos, miradas sobre as suas costas e sem hipótese de esquivá-las, com antecipação a dor preencheu todo seu interior...

... De madrugada o galo não cantou, e a galinha se esqueceu de cacarejar. Era possível apalpar a escuridão, e o medo abraçava qualquer um... Será que Chris vai sobreviver?

Como num concurso de artes, a comédia, o romance, a acção e a ciência... Além das páginas, o suspense lhe espera...

Se vai chover ou não, olha nos céus, não pergunte à galinha.

- **CAPÍTULO [1]** -

...

Ele não sabe, mas o palco já está aberto...

Era manhã e na comuna da Arimba, localizada no município do Lubango, com o habitual costume do povo, alguns se preparavam para ir as suas lavras, enquanto outros em nome da boa cultura, cuidavam de seus animais como bois, cabritos, pombos, patos e galinhas. De muitos lugares era possível ouvir galinhas cacarejarem, e o mungir de bois e os cabritos só seguiam o pasto dos bois. Sobre seus pescoços tinham sinos que tiniam através da agitação da sua saída dos currais. Para o pasto ainda era cedo, mas os pastores já abriam os currais para que seus animais se soltassem um pouco, e andassem à volta das casas.

Alguns e outros homens, entre eles, imitavam-se nas criações e às vezes os homens se reuniam para discutir ideias e planos para o crescimento dos seus projectos. Mas por outro lado, também se preocupavam com os roubos que se registavam em alguns bairros no interior da comuna.

Já eram 6 horas 17 min da manhã, alguns homens estavam reunidos e conversavam a respeito de seus planos e reclamavam sobre os roubos.

- Se não fazermos nada, os gatunos vão acabar com a nossa cultura.

- Então temos que fazer o que?
- Temos que acabar com essa raça de gatunos.
- Bem, eu já fui tropa e lá eu dava aula de defesa pessoal, eu não brinco em acção... No tempo de guerra, se não fosse eu... ene! essa Angola, ove, não brinca...

A volta do homem que falava, os jovens começaram a se rir porque sabiam que entre eles ninguém tinha cumprido a vida militar.

Outro homem que também se queixava de roubos, começou a falar já num tom de raiva

- Oh, isso de lutar ou não lutar, tchá... ó pai se eu agarro um gatuno, ó meu irmão, eu lhe mato.
- Que maldade, a bíblia diz: " perdoai os vossos inimigos".
- Epa, ó Pinto, Pinto pára com isso pá! Todo gatuno não é nosso inimigo, mas é sem dúvida, inimigo dos nossos animais.
- É verdade... é verdade... diziam uns aos outros.
- Então para eu que crio galinhas, todo gatuno é inimigo das minhas galinhas.

Todos começaram a se rir.

- Mana Miquelina manda, vir uma quissangua...

Os homens que estavam de folga para a semana de pasto de seus animais, já não tinham mais o que fazer nessa hora, pois as lavras já estavam preparadas, então um deles sugeriu.

- Que tal, depois irmos à lenha todos nós juntos?

- Sem problema, vamos mas a lenha vai ficar na minha casa.

- Mas perdoar também é importante – acrescentou o Pinto.

- Mas ó Pinto, onde é que você leu mais isso?

- Eu li na bíblia.

- Espera aí, espera aí, a bíblia está dividida, você leu em que parte dos testamentos?

- Eu li no novo testamento.

- Ah pois, você tinha que ler o que está escrito no antigo testamento, "olho por olho, dente por dente".

Todos começaram a se rir alto e orgulhosamente diziam.

- Isso é verdade, você não pode ver só uma parte da moeda, tem que ver as duas partes.

Nessa convivência, enquanto trocavam ideias, jogavam uela e a amizade era alimentada com vitaminas de emoção. Mas juravam que o roubo tinha que terminar.

- Meus amigos, quando você está a dormir, quem é que faz miau por cima da casa?

- É o gato - Todos responderam ao mesmo tempo.

- Então, por isso que eu não gosto de gatuno.

Todos se animavam e se riam alto, e começaram a sentir-se cansados de tanto rir, mas sentiam mais vontade de viver.

- Quando eu vejo um gato, ó pai me lembro de tudo que os gatos já me fizeram. Estou a dormir...

- Miau - respondiam seus amigos em alta voz.

- Estou a comer...

- Miau...

- Estou na sala com os meus amigos...

- Miau...

- Na minha casa não tem ratos, num canto só vou ouvir...

- Miau...

- Tento meter o garfo na boca...

- Miau, miau, miau, miau... kia kia kia kia kia
kia...

- Você inventa ya.

- Invento! Óh Minguito, ainda vou te explicar bem o que significa essa palavra.

- Fiquem atentos. – Disse um dos jovens.

- A palavra gatuno é derivada de uma palavra mãe – "gato", derivada por sufixação. Quer dizer que na palavra gato, ainda se acrescenta mais o "no", veja, gatu, + no, isto é = a gatuno. Esse "no" que se acrescenta aí, significa, na tua casa. Quer dizer que um gatuno é mais perigoso que um gato.

Todos começaram a se rir até sentarem no chão porque já não se aguentavam mais ficar de pé de tanto se rir.

- Ó pai, você estudou mesmo.

- Conta mais uma...

- Conta, conta.

- Olha, certa vez eu estava no município da Matala, lá nós criamos umas barracas ao lado da estrada. Alguns vendiam milho, outros vendiam galinhas mas tem uma senhora que vendia carne de vaca. Tem um rapaz que se chama António, mexia muito, mas a senhora olhou para ele e disse, "como todo o dinheiro está aqui comigo, não terá como me roubar" então lhe chamou para lhe controlar lá a carne enquanto, ela saiu. Quando ela voltou, o rapaz se despediu e foi. Mas a senhora percebeu que estava a faltar algumas fatias de carne e nós lhe falamos, "nós te avisamos para ficar atenta com esse rapaz". Mas ela ficou calada, mas todos nós ficamos a controlar o rapaz. De repente, vimos um cão a sair de uma mata, dos

capins com uma fatia de carne. Óh, ficamos admirados e começamos a controlar quem vai ir para a mesma mata, agora, vocês que dizem que eu falo muito, agora me digam, quem vocês acham que entrou lá para procurar a carne... Todos gritaram

- O António!

Todos se riram e começaram a se baterr nas costas de tanta graça.

- Você é o melhor.

- Então, o António roubou a carne e guardou nos capins e o cão foi aos capins e roubou a carne que o António guardou lá. Agora nesse caso, quem é o culpado, o cão ou o António?

Motivados pela história que se contavam, jogavam sua uela e se orgulhavam por viverem num bairro onde havia paz e muita educação por parte das crianças.

Não muito próximo de seus pensamentos, uma criança gritou:

- Ó mãe, a galinha não está no lugar onde tem botado ovos.

Sem ainda tempo para essa mãe responder os homens ficaram cheios de raiva, se levantaram e a mãe da criança gritou:

- Eu estou cansada com esses roubos.

Preocupados e com muita raiva, os homens viram um jovem a correr com uma galinha, e ao mesmo tempo, como um tom alto, todos gritaram:

- Galinhaaaaaa!

A criança e a dona da galinha também gritaram.

- Galinhaaaaaa!

Mas o jovem que levava a galinha não ouviu nada e corria com grande velocidade e responsabilidade.



- **CAPÍTULO [2]** -

...

Já eram 09h23 da manhã e o famoso mestre de construção civil, conhecido como tio Chimuco acabava de dar um breve discurso de panelas, carvão e fogareiro aos seus filhos.

- Vocês têm que aprender a partir bem o funje, não é só comer, comer, estão a ouvir bem?

Seus filhos somente olhavam e reclamavam com os olhos.

Tirou a sua mochila que estava numa cadeira próxima e nela tirou o prumo, tirou a colher de construção e mostrava-se preocupado pois procurava por uma coisa na mochila e basculhou-a por completo e depois disse:

- Ah, aqui está a fita métrica que eu estava a procurar.

Pegou na comida que preparou para o almoço dos seus filhos e disse:

- Esse peixe é muito grande.

Pegou na fita métrica e com ela tirou medida no peixe e depois cortou-o e disse:

- Agora sim, esse peixe é para o vosso almoço. Comer também tem medida.

Seus filhos reclamavam com os olhos pois em casa tinha uma visita que não conheciam. O senhor Chimuco depois olhou para um dos rapazes e lhe chamou.

- Ei, você aí venha cá, ainda fala o teu nome?
- Ó pai. – Exclamou o seu filho.
- Opa, fala o teu nome pá.
- Ó pai, eu sou o Jojó, mas o pai me chama de Paizinho.

- Há, é verdade, Jojó, sim Jojó, ó compadre Hossi, esse também é meu filho, o nome dele é Jojó. Filho, ainda vai buscar o balde de fuba.

Pegou no balde de fuba de milho e depois de dar uma medida para o almoço, desenhou a palma da sua mão na fuba para que seus filhos não mexessem nela. Arrumou os seus materiais de construção na sua mochila de trabalho e ele, e seu compadre Hossi saíram.

Na porta da sua casa, eles viram uma poeira indo para uma certa direcção e um grupo de jovens a seguir a direcção da poeira.

- O que se passa? – Perguntou o mestre Chimuco.

- Está lá, é gatuno. – Alguém respondeu.

Tio Chimuco desenhou na sua mente uma lista de ofícios, bem como outras possibilidades de ganhar dinheiro, mas abanou a cabeça e rejeitou esse trabalho, e no seu pensamento disse: "não gatuno não", não.

- E esse gatuno roubou o que? – Ainda assim perguntou o tio Chimuco.

- Roubou galinha.

- Galinha, galinha. – Sussurrou ele.

Parou uns minutos na porta da sua casa e depois, arranhou-se na cabeça, olhou para a direcção tomada pelos jovens e depois disse.

- Pronto, o gatuno já roubou, trabalhou e eu também preciso de ir trabalhar para sustentar os meus filhos.



- **CAPÍTULO [3]** -

...

O tempo atmosférico estava desenhado de possibilidades de chuvas iminentes. As nuvens se apressavam em se formar como um grande coral nos céus, mas o sol rasgava as cortinas e abria caminho entre as nuvens dos céus. Era um show natural no palco celeste, mas a terra não quis ficar de parte, por isso convidou os homens, e eles se comoviam por tudo, cujos seguiam para esse show em roteiros desconhecidos, mas actuavam com toda a sua mente e corpo desprezando as palmas.

Os concorrentes que perseguiram o gatuno da galinha, estavam totalmente mergulhados na expectativa e emoção de prender o gatuno e já lhe acusavam de ser ele, o mesmo que tem roubado outras coisas e, por isso, eles diziam entre si, que esse gatuno pagaria todas as desgraças sucedidas no bairro, e que ainda tinha que pagar o tempo que eles estavam a perder por estarem a lhe perseguir, tinha ainda que pagar pela distância e a fome que eles agora sentiam. Mas eles já estavam a ficar cansados, mas ainda assim corriam e gritavam:

- Gatuno! Gatuno...

Corriam já com a língua fora da boca.

Mas na frente deles estava o gatuno com as galinhas e, distraído de qualquer perigo, corria para alcançar uma meta calculada pela sua mente, só não sabia que estava a ser perseguido por uma multidão. Com intenções malignas.

Chris corria mais rápido que a medida dos seus pés, e com a mente descortinava os caminhos que pouco conhecia. Corria como se estivesse a fugir de dois leões, mas o que ele não sabia era que realmente estava a ser perseguido por verdadeiros leões humanos. Os homens que lhe perseguiam já estavam cansados, mas Chris estava habituado a correr atrás de bois malandros e acostumado a desafiar coelhos em plena mata, Chris corria preocupado com o tempo que não parava. Em seus pensamentos dizia, "tenho que chegar lá a tempo para conseguir vender essas galinhas. Mas as pessoas que estavam atrás dele diziam, "temos que agarrar esse gatuno o mais rápido, antes que seja tarde".

- **CAPÍTULO [4]** -

...

Dona Flora ao chegar a casa, sabendo ela que o jovem Chris tem que viajar num dia, no máximo hoje, saudou os seus filhos com um sorriso e, já com saudade do jovem Chris.

- Ó Damy, onde está o mano Chris, o Paulino Nambalo? – Perguntou ela.

Mas ela se sentiu preocupada ao saber que o jovem Chris ainda não estava em casa.

- Não pode ser, que horas são? Como é que ele ainda não voltou?...

Dona Flora estava preocupada e começou a transpirar muitos problemas à volta do bairro e a calcular problemas fora do contexto.

Nesse instante, com uma voz de paz e emoção, um jornalista da rádio ISPI tomou o microfone e a dona Flora parou e ficou atenta na rádio.

- Boa tarde! São 13h em Angola. – Disse o jornalista.

- Não, não, não...! - Exclamou dona Flora com lágrimas nos olhos.

Dona Flora ficou atenta nas notícias para saber se pudessem falar uma coisa a respeito de galinhas, mas o jornalista continuava com...

"A data 13 de Fevereiro, é o dia em que comemora o dia mundial do rádio"...

- Não! Fala de galinha, fala de galinha... Ainda aumenta o volume do rádio... – Disse dona Flora. Mas o jornalista continuava...

"... Foi numa data como hoje, 13 de Fevereiro de 1946..."

- Ah!..

- "A primeira rádio das Nações Unidas foi criada em 13 de Fevereiro de 1946. A data foi, portanto, uma escolha natural para celebrar esse meio de comunicação de massa. O Dia Mundial do Rádio foi oficialmente proclamado na Conferência Geral da UNESCO em 2011... Aprovada por unanimidade no ano seguinte pela Assembleia Geral das Nações Unidas, que o declarou como um dia Internacional da ONU. O objectivo do Dia Mundial do Rádio é de conscientizar o público..."

- Ah eu não sou o público, eu a Flora e já sou mais velha...

Sem mais demora, meteu-se a correr seguindo qualquer direcção. Ora corria, ora caminhava com passos de pressa de ambulância. " Já são 13horas, daqui a pouco será 18horas". Reclamava ela.

- E depois o filho alheio que não conhece ninguém aqui, nem conhece bem essa cidade. E para piorar essa nova lei da galinha...

Dona Flora monologava enquanto caminhava sozinha.

Dona Flora estava muito preocupada porque a nova lei era clara, que: "... devido aos constantes roubos de galinhas, quem for apanhado a andar de noite sem uma preocupação esclarecida, ou preocupação de saúde será preso e só sairá depois de 15 dias e ainda pagará 17 galinhas mas que estejam a botar ovos". Com os pés dona Flora corria mas, com a mente ela percorria nas ruas da cidade para localizar o jovem Chris. Todo o seu corpo estava com pressa, mas as suas pernas limitavam-se na sua preocupação. Com desânimo em seu rosto, dona Flora passou por uma senhora já avançada de idade que até conseguiu perceber a sua preocupação, mas de tanta pressa e preocupação ela passou bem ao lado da senhora e não a saudou, mas a senhora de idade percebeu a distração dela e desconfiou que na mente da dona Flora, passavam imagens de galinhas, por isso gritou para ela.

- Oh minha filha, o gatuno das galinhas correu assim mas não te preocupes, já estão a lhe dar corrida e vão lhe trazer com surra para ele aprender. E ainda que ele escapar das pessoas que estão a lhe dar corrida, ó minha filha ele não vai escapar do castigo da nova lei nem da maldição que a noite traz. Só se o sol parar! – Acrescentou a senhora.

Com as mãos na boca, dona Flora transpirou um grande problema, não conseguiu falar uma palavra, mas na sua mente ela disse" ele não é gatuno... Ele não roubou aquelas galinhas" tentou falar, mas as palavras não saíram da boca.

A senhora velhinha percebeu que a dona Flora agora parecia mais preocupada, continuou a falar para ela, mas

dona Flora já não lhe ouvia pois a sua atenção não se podia medir nem mesmo com um esfigmomanômetro moderno, pois, não estava alta nem baixa. "- Não, não... Só se o sol parasse... ". Pensava dona Flora.

Mas no outro lado do palco celeste, as nuvens davam seu show, anunciando chuvas e prometendo uma noite mais escura e fria. Dona Fora levantou a cabeça que lhe pesava de tantos pensamentos, olhou para os céus e desconfiou que as nuvens tivessem feito um negócio com o sol para que a noite chegasse mais cedo.

- Mas esse sol não pára só. – Tentava suplicar ao sol que parasse.

- **CAPÍTULO [5]** -

...

O tempo realmente não perdoa, e o sol parecia estar a correr como se estivesse a fugir de alguma coisa. A mente de Chris se apaga quando o cansaço dominava o seu corpo. Chris se deparou com caminhos desconhecidos, parou de repente sem saber que caminho seguir. Pensou em voltar para casa mas desconfiou não saber como, pois, não conhecia o lugar onde se encontrava. Sem saber o que fazer, pensou em pedir ajuda, mas a sua volta não via mais ninguém. Ouviu bem próximo o cacarejar de galinhas que estavam na sua mão, famintas e cansadas. Os seus pensamentos estavam longe de qualquer problema ou perseguição. Olhou para trás e viu algumas pessoas que corriam a correr para a sua direcção. "Ainda bem, pensou ele, lá vêm pessoas que podem me ajudar a voltar para casa". Então Chris começou a caminhar ao encontro deles e começou a se animar, mas os homens não mostravam qualquer amizade. As galinhas que estavam na mão de Chris estavam a apanhar sono mas uma delas viu o perigo que vinha contra eles, começou a cacarejar de medo e pedia socorro.

Sem saber, Chris caminhava ao encontro do perigo. As nuvens cobriam a esperança da luz do sol alegre, o vento começou a soprar mais forte e o capim se abanava. De repente uma trovoadas pintou os céus com uma efémera luz, os homens pararam de medo, olhavam para os céus, e quando voltaram a olhar para o jovem Chris. Um deles que

tinha ficado atrás, corria mais rápido e passou por todos eles e ia ao encontro de Chris, e o atacou de surpresa sem lhe dar tempo de se defender.

Com o peso do ataque técnico e profissional, Chris recuou um pouco desequilibrado mas não conseguiu se controlar e caiu. Sobre esse ataque, muitas perguntas rolavam na sua mente, mas não encontrou nenhuma resposta. Virou para perguntar por que lhe estavam a bater, mas foi surpreendido com outro ataque mais técnico como de um carate que exercitava sempre com blocos com toda sua força e demonstração. Mas desta vez Chris conseguiu rebolar para frente e conseguiu esquivar o ataque e em seguida se levantou com pressa.

Olhou à sua volta, mas ninguém lhe dava explicação. Mas percebeu que os outros jovens se aproximavam com pressa, também para atacá-lo. O jovem Chris viu que os jovens que vinham contra ele, seus rostos se pintavam de fúria, e seu coração na mesma hora se pintou de medo da morte.

Chris pensava que a noite se apressa muito, e que o sol estava cansado de brilhar. "Esse sol não pára só", pensou ele. Em alguns lugares, de longe se via que já a cair chuva e, isso lhe trouxe um frio na mente. A tarde começou a desaparecer, a noite se apressava. O perigo espreitava.

Olhou com confiança para o homem que lhe atacou, queria saber por que de tudo isso, mas duvidou que não fosse compreendido por não saber falar bem português. Com pressa, os homens se aproximaram a ele, e aos poucos começaram a lhe meter no meio, enquanto desenhavam passos técnicos de prevenção de ataque marciais ou contra-ataque. Chris sentiu saudade do seu mestre de artes marciais, que também é mecânico de motas e geleiras. Na sua mente rolavam as vezes que o seu mestre lhe mandava repetir uma técnica, rebolar ou apanhar moeda por um certo castigo.

Mas bem ele sabia que agora estava distante de seu mestre. Agora sim, se tratava de uma demonstração verdadeira e sem possibilidade de ensaio. "Mas por que lutar?", ainda assim se perguntava.

O homem mais forte e que tinha dado o primeiro golpe ao jovem Chris, levantou a sua mão direita, fez um gesto para chamar a atenção de todos e disse.

- Ou você me dá livremente as galinhas e todo o dinheiro que está no seu bolso, ou então... Eu mesmo vou te tirar pessoalmente do seu bolso.

Chris ficou sem saber o que estava a se passar, nem por que tinha que entregar as galinhas. Ficou em silêncio e olhava para eles com discrição. O homem abriu os olhos como símbolo de pedir a resposta, abriu as duas mãos e inclinou a cabeça para frente cobrando a resposta e acrescentou.

- Mas eu preciso de lhe avisar que a segunda opção termina com alguém caído no chão e poeirado que nem um

cão de pobre faminto, sem um osso para se lembrar dos bons e velhos tempos.

- **CAPÍTULO [6]** -

...

No posto policial da comuna da Arimba, os policiais descansados pela confiança da paz alcançada em 2002, e assinada no dia 4 de Abril no seu país, um dos policiais estava com o comando de controlo da TV e passeava pelos canais, procurando por qualquer coisa para assistirem, mas as horas passavam e não encontravam nada para assistirem.

O homem que estava de braçal nesse dia, saiu do seu posto de trabalho e foi até a sala de estar para beber água rápido e depois voltar. O oficial dia, estava com o comando da TV e não saía da sua posição.

- Yes, aqui estou bem. – Disse ele. Ó oficial, por que o senhor saiu do seu posto? Perguntou o oficial dia ao oficial que estava de braçal.

- Vim beber água. – Respondeu o policial.

O oficial dia se levantou e disse:

- Sargento, você diria a mesma coisa para o chefe Granada?

O policial queria responder para se defender mas o oficial dia se antecipou a lhe dizer.

- Sargento, o senhor está a pôr em risco a segurança do país...

- Chefe Yeta, já estou a ir...

Lá no fundo das grades um recluso gritou com toda a sua voz.

- Água, eu quero água... Eu sou inocente! Eu quero água...

- Cala-te, malandro, eu é que te chamei aqui? – Respondeu um policial gordinho. Todos começaram a se rir e tiraram a atenção da TV e começaram a conversar entre eles com certa animação.

- Isso nunca mais pode voltar a acontecer, sargento. – Disse o oficial dia.

- Sim senhor!

Todos estavam atentos na conversa, e assim que o policial de braçal se preparou para pegar na sua arma e voltar ao seu posto de trabalho, todos se viraram para a TV e julgaram que a conversa tivesse acabado. E o oficial de braçal, assim que pegou na sua arma... De repente ouviram um barulho como de um disparar de uma arma de alto calibre e todos quase ficaram surdos, enquanto se viravam milésimos, nas suas mentes pensaram, "ele disparou...", mas na verdade era o rali de um carro velho que acabava de entrar no quintal do comando da polícia sem permissão, cujo parou de repente sobre as pedrinhas, e lançando uma sobre os vidros, mas para facilitar o medo, a pedrinha não furou o vidro, mas ficou uma marca no vidro. Todos se

recolheram no chão em posição de prontidão para responder com disparos. Todos pensaram em um ataque terrorista.

O barulho foi tão alto que até os presos e detidos que estavam mais longe nas celas ouviram e se lançaram por baixo de suas camas num piscar de olhos, antes mesmo que o barulho terminasse, alguns já começaram a rezar o terço por baixo das camas.

Os policiais em posição, eram altamente treinados para responder a qualquer tipo de ameaça, por isso, se posicionaram tecnicamente para todas as direcções, e imprimiram todos os treinos e juraram não recuar, nem mesmo em seus pensamentos. Como um desafio único e sem a possibilidade de uma segunda chance, eles sabiam que não podia escolher empatar, por isso, mais rápido em seus pensamentos, começaram a traçar, avançar. Começaram a engatinhar com técnicas policiais de defesa e ataque e, começaram a ocupar outras posições mas sem levantar as cabeças.

Um barulho começou a aproximar-se, "são passos", - Cada entre eles pensava. "Cueeeeeen". Mais rápido do que se podia esperar, a primeira porta se abriu, e a segunda também começou a abrir-se e o barulho da porta rosnava no chão. Começaram a ouvir passos firmes que vinha para a sua direcção. Os policiais começaram a se comunicar em seus pensamentos, e em poucos minutos, até milésimos usaram várias técnicas de comunicação gestual mas não haviam inquietudes entre eles, todos se entendiam.

Houve um pequeno silêncio, novamente os passos começaram a aproximar-se e desta vez mais firmes e rápidos. Um dos policiais começou a duvidar em seus

pensamentos, "não pode ser, ou se trata de um ser de outro mundo, ou então vem mesmo para matar ou pronto para morrer". A dúvida desse policial se reflectiu no seu rosto e outros policiais ao notarem, também começaram a questionar-se, " todos sabem que aqui é um posto policial, temos que atacar porque ele sabe que aqui tem homens armados". Um dos agentes olhou para o seu companheiro para lhe dar o sinal de ataque, mas no seu rosto encontrou dúvida, "... O quê?" Perguntou com gesto. "Espere!" Um policial respondeu com gestos. Desconfiados do gesto, outros policiais perceberam o stop do seu colega que também é superior de patentes. Nessa ordem, todos obedeceram mas continuavam a trocar olhares mais rápidos que a velocidade do sol, sim, olhares de preocupação. Ora olhavam para a direcção do perigo, ora olhavam para o chefe com certa preocupação, olhavam e esperavam autorização para os disparos.

De repente os passos do perigo pararam e ouviram um barulho que não era muito estranho..."Granada!" – Gritaram em seus pensamentos. Todos olharam para o chefe mas, o coração de cada um deles desrespeitou o chefe e o medo nasceu dentro de cada um deles. Começaram a transpirar e os corações batiam mais rápido, "estou a transpirar". Mas o chefe a quem todos os policiais dependiam, meteu a sua pistola na bainha, rebolou tecnicamente para frente e como uma pedra atirada com muita força, uma coisa saiu do seu corpo e foi lançada para uma das janelas próxima da porta do perigo, isso chamou a atenção de todos, até mesmo para quem estivesse fora.

Enquanto isso, a porta estava a abrir-se devagar... Todos abriram os olhos e suas orelhas se mexeram de medo.

"O chefe está a avançar para mais próximo do perigo". – Exclamaram em seus pensamentos. Mas do outro lado da porta, o inimigo enquanto abria a porta, viu que uma coisa foi lançada para fora e pensou, "é granada!" O medo rasgou as cortinas da sua mente e todas as preocupações se apresentaram diante dele, então, o homem que estava fora, com medo, também se apressou para entrar onde os policiais estavam a lhe esperar. Olhando para trás para reconhecer o objecto que fora lançado e se apressou para entrar e, meteu as mãos dentro antes do seu corpo ou seu rosto. Meteu as duas mãos para dentro para se apressar e escapar do perigo. O chefe que rebolou para próximo da porta, viu umas coisas como se fossem mãos de pessoas e pensou, " sem rosto, nem que for um ser sobrenatural, vou experimentá-lo." Todos na sala ficaram com os lábios caídos de medo, mas desta vez não estavam com medo do perigo, mas do chefe que estava mais próximo da morte.

Mas esse chefe que já viu muitos perigos e enfrentou inimigos iguais a morte se ofereceu para enfrentar o estranho, e bem mais rápido que a pressa de uma onça, o chefe aproveitou a oportunidade das mãos, puxou-o e deu-lhe quatro golpes e terminou com um ochimata.

"Pela primeira vez em toda minha vida como policial, eu nunca vi isso!" – Pensou um dos polícias que observou os ataques do seu chefe ao vivo. Enquanto isso, 7 policiais atentos esperavam que esse inimigo chegasse ao chão, o chefe meteu outra posição de contra ataque para não dar chance ao inimigo. O inimigo que ainda estava no ar, tentava se recuperar mas a policiais na comunal da Arimba, município do Lubango eram treinados para avançar e ocupar locais estratégicos, e por isso, os policiais em menos de

poucos minutos, já estavam a controlar a rua principal que dava acesso a polícia e até alguns carros já tinham sido revistados. Por fim, o inimigo caiu no chão sem fôlego. Todos os policiais que estavam dentro da sala da acção, neles o medo do inimigo fugiu, mas nasceu outro medo e esse medo agora era conhecido. Inertes, olhavam admirados para o inimigo e o reconheceram, o comandante comunal da Arimba e, sentiram mais medo do que o medo da morte.

- Agora dancei. – Disse o chefe que deu a queda ao seu comandante.

O medo se tornou conhecido e a queda ficou famosa antes de resolverem o novo problema.

Em seguida, os policiais deixaram a rua livre mas mantinham as coisas discretas e mesmo com essa preocupação, o oficial do posto de braçal ocupou o seu posto com posição real e firme. Eram policiais treinados e altamente instruídos para resolver variados problemas e tinham o dom de manter a calma em qualquer situação.

O chefe da queda era mais experiente e foi treinado exactamente para resolver problemas de grande ameaça, por isso, guardou-se de qualquer pensamento de alarme, pelo que começou a prestar os primeiros socorros ao comandante inerte no chão.

Depois de alguns instantes, o comandante se mexeu e se dobrou como alguém que estivesse com muito sono. Um dos policiais se apressou e chegou ao chefe das quedas e disse.

- Senhor, vamos chamar uma ambulância.

O oficial dia, o das quedas com muita calma disse:

- O sigilo é como uma medalha de ouro no pescoço de uma parteira.

Os policiais abriram as janelas e portas para fazer o ar passar e se afastaram da situação, enquanto isso, o chefe das quedas e outro oficial cuidavam do comandante que estava no chão quase imóvel.

Entre eles, ninguém falava, ninguém se sentava mas em seus pensamentos, muitas perguntas formavam parágrafos sem acentuação. O comandante franziu os olhos, mexeu o dedo e por fim abriu os olhos e logo, com a boca pesada falou.

- A galinha?

Os policiais à sua volta queriam rir-se, mas foram impedidos pela seriedade expressa no rosto do chefe das quatro quedas. A dúvida nos policiais aumentou, viram-se e com os olhos se perguntavam em silêncio, "a galinha?!" outros começaram a concluir, "são as quedas e ainda deve estar tonto".

Os reclusos que estavam nas celas começaram a espreitar devagar, mas devido à circulação do medo entre eles, estavam mais atentos nos seus pensamentos do que nos seus próprios olhos.

O comandante com a ajuda de seus oficiais, se levantou, pediu água com gestos e em seguida perguntou:

- E então, como é que está o caso da galinha?

Sem perceberem o que se passava, os polícias começaram a endireitar as suas fardas. Ninguém sabia exactamente do que se tratava. Ocupados com os seus próprios pensamentos, de repente um celular começou a tocar muito alto e o comandante berrou.

- Agora não, agora não, atirem esse telefone lá fora. Agora não quero barulho. Temos um assunto de alarme na nossa comunidade...

Mas um dos policiais respondeu ao comandante:

- Chefe, o telefone que está a tocar é do senhor.

Impaciente, o comandante tirou e atendeu o seu telefone sem antes ter olhado no ecrã para ver quem o ligava.

- Alô!

- Aqui é o comandante provincial da Huíla...

O comandante ao ouvir a voz do seu chefe, que nunca lhe tinha ligado, a sua alma desfaleceu e seu corpo perdeu todas as forças.

- Suas ordens chefe!

Noutro lado da linha telefónica ouvia-se uma voz forte e com certa autoridade, não se podia entender bem as palavras mas antes de a conversa terminar, ouviram-se as últimas palavras... "com a galinha!". Em seguida o

comandante comunal meteu o telefone no bolso, e com os olhos repletos de dúvida exclamou:

- Mulheres!

Para os policiais tudo não parecia fazer sentido. Também não tinham como perguntar ao comandante, por isso preferiram esperar até que o comandante estivesse em boa recuperação. Mas os policiais em seus pensamentos e com os olhos no comandante queiram perguntar: que galinha, que mulheres, mas também queriam perguntar como o comandante estava a se sentir-se. A culpa falava mais alto que o medo do incidente moral sobre o chefe. Por sua vez, o comandante também tinha dúvida e, em seu pensamento se perguntava, "por que estou aqui, nesse estado? O que será que aconteceu?" de tantas dúvidas, por engano o comandante soltou algumas palavras em alta voz.

- Pronto, todos nós temos dúvida.

Todos os policiais queriam perguntar, mas em seus pensamentos se aquietavam e se calavam.

No fundo das grades da cela, um recluso se atreveu a interromper o silêncio.

- Sim, chefe, eu vi, ele roubou duas galinhas e correu assim.

- Traz esse sujeito aqui, agora! Gritou o chefe das quatro quedas.



- **CAPÍTULO [7]** -

...

Os homens que perseguiram o jovem Chris estavam interrogados e surpreendidos com as reacções do jovem Chris, em seus pensamentos se enfureciam e juravam fazer tudo para agarrá-lo mas na realidade é que esses desejos se depararam com uma situação mais forte e tecnicamente desafiante. Chris escapou do meio deles mas por sorte deles ou azar do jovem Chris, ele correu e se deparou com uma ravina impossível de se pular, tentou voltar mas lá estavam de novo os homens que lhe perseguiram sem motivo. "Por que esses homens me perseguem", - interrogava-se Chris.

- Ó camarada, você ainda não nos conhece?! Nós somos os melhores, vamos bate-lo para você nunca mais voltar a fazer o que você fez.

-Mas por que vocês estão a me perseguir, o que vocês querem de mim?

- Ó rapaz, aqui na nossa área nós não poupamos gatunos de galinhas...

- Óh, o, o quê?!

- Vais aprender.

- Espere, eu não roubei essas galinhas.

- É claro, por isso que estás a fugir.

-Não, não, eu estou apressado.

- Tarde de mais, vamos te rebocar e vamos te terminar por te entulhar.

- Não!
- Sim!

Os homens começaram a aproximar-se ao jovem Chris e estavam arrumados com muitos materiais cortantes.

- Vamos te cultivar.
- Mas eu não sou lavra.
- ...Aié, vamos te mostrar as melhores quedas... Espero que saibas te defender. Tu sabes te defender?

Preocupado com a situação, o jovem Chris respondeu com voz de prevenção:

- Todas as pessoas têm pontos fortes e fracos, isso é normal.
- O que isso significa? - Perguntou um dos homens que perseguia o jovem Chris. Ao que ele respondeu de imediato.
- O leão caça a sua presa e a come. Mas quando ele está emocionado e com vontade de morder num osso, o leão pede conselhos no porco.

A conversa estava séria e os rostos estavam sérios e repletos de fúria. Nessa troca de palavras, os homens se aproximavam aos poucos e Chris não tinha como fugir pois estava encurralado. Todos os homens que perseguiam o jovem Chris entendiam artes marciais de vários estilos, e sem demora, dois atrevidos se apressaram para desarrumar as galinhas que estavam nas mãos de Chris. E, atacaram ao mesmo tempo.

O jovem Chris entendia de artes marciais e de golpes raros entre os quais, um podia ser fatal. Por isso, como contra ataque, Chris respondeu rápido e dois deles se surpreenderam quando perceberam que estavam no chão e com areia na boca.

Eram técnicas raras, incomuns, inéditas e suficientes para abalar tanto os alicerces dos monges de artes marciais do passado como também do presente. Os homens pararam e surpreenderam-se com o contra ataque do jovem Chris. Convidados a esse desafio, esqueceram as galinhas e só queriam apostar num desafio de artes marciais, sem um tempo antes marcado.

Como um jogo sem árbitro e sem adeptos, somente se ouvia vozes reclamando de dor, e gritos de ataques profissionais de carate para atrapalhar o adversário. "- iessaaaa!", Aaaah! Os gritos de dor também se pareciam com gemidos como de alguém que estivesse muito longe. Pelos gritos, poder-se-ia desconfiar que um africano estava em apuros porque eles gritavam em diferentes formas. "ai we", "mama yamié", "ene vakue".

- Yessaaaaaaaa!

Parecia verdadeiramente um combate de resistência, o jovem Chris e os homens caíam pela força de poder de ataques e contra ataque. Dois deles combinaram um contra ataque duplo, o jovem Chris tentou agarrar um deles para cair com uma técnica, mas de um jeito técnico o jovem Chris foi surpreendido com um outro contra ataque e foi lançado para longe da terra e caiu longe das galinhas.

Os homens resistiam com juramentos de que, na nossa terra, não aceitamos gatunos. Sacudiam a poeira, ajustaram suas posições como continuação da aula, em posições de ataque e gritaram.

- Yessaaaa!

O homem que se posicionava como chefe de todos, ficou com os braços cruzados e abanava a cabeça com um sorriso de ironia, enquanto o jovem Chris se ajustava e se limpava a poeira. As galinhas estavam distantes dele e cacarejaram de medo, mas elas estavam mais desesperadas pela situação do jovem Chris do que com medo de serem vendidas. As marcas de pés e mãos estavam bem visíveis no corpo e nas roupas de Chris. Levantou com o corpo cansado, reconheceu que os seus adversários entendiam de artes marciais e acreditou estar em grandes apuros.

Os homens juraram defender a sua cultura de criação de galinhas e de outros animais, pelo que, diziam uns para os outros.

- Em nome dos tribunais tradicionais, e em nome de todas as causas incomuns, vamos arrastar esse sujeito até a nossa aldeia, morto ou vivo.

Como se caça um animal perigoso, os homens estavam cansados e empoeirados, mas não desistiam. Os homens se aproximaram a Chris e, como ataques para terminar o serviço, um combate começou entre os homens e o jovem Chris gritou.

- Ai...

- Mãe Joana...

- Mana yamie

- **CAPÍTULO [8]** -

...

Entre ataques profissionais e defesas especiais, o jovem Chris defendia e atacava ao mesmo tempo. Os homens atacavam mas o jovem Chris lhes oferecia o chão para descansar seus corpos empoeirados com quedas de jiu-jítsu.

Chris começou a sentir-se cansado e para terminar com tudo, começou a usar ochimata, mawaxi guery, mae guery e por último usou com um salto de roleta, um som de cobra o que, fez com que um dos homens ficasse no chão imóvel e, alguns minutos se passaram... esse homem ainda estava inerte no chão...

- **CAPÍTULO [9]** -

...

As horas passavam gradualmente, e algumas crianças que brincavam sem se preocuparem com o roubo da galinha sorriam com muita emoção e tranquilidade. Sorriam e escolhiam-se entre elas como chefe, outras como pai e umas como filhas. Brincavam e cresciam enquanto a vida se desenrolam.

Mesmo distraídas e sem se preocuparem com a situação do roubo das galinhas, elas sabiam, e para se ajustarem ao ambiente, de repente uma das crianças viu uma galinha que se julgava estar desaparecida e gritou.

Óh Edy, a vossa galinha apareceu, está aí, já está a ir se apresentar na tua mãe.

Despreocupada com o assunto, Edy respondeu.

- Ah, a minha mamã já vai lhe ver.

A galinha que passeava e cuidava da sua vida, não sabia de quaisquer problemas ou preocupação a seu favor, preocupava-se somente em revistar a terra para descortinar os bagos que se escondiam nela. Caminha para qualquer direcção com passos de tempos sem fome. De repente um galo percebeu a paz na galinha e sem piscar em seus pensamentos começou a correr atrás da galinha, cobrando-lhe prazeres sem brindes. A galinha começou a correr e cacarejava por socorro. Fugia do galo como se de um inimigo feroz se tratasse. Ela corria com todas as suas forças, "isso é azar, será que só estás a me ver lá eu?."

A dona da galinha que foi roubada não parava de reclamar nem de amaldiçoar os gatunos de galinhas. Cansada de tanto pensar, levantou-se e começou a recolher todos os ovos e dizia.

- Chega! Não vou mais criar galinhas para ninguém, eu também gosto de ovos, quem disse que carne de galinha não cuia?

Um dos seus filhos viu que sua mãe recolhia os ovos, se alegrou, mas a sua filha, que estava mais próxima dela perguntou.

- Mamã, estás a pegar assim nos ovos, não vão estragar?

- Ah, chega de criar galinha para os gatunos, eu prefiro comer todas as galinhas a oferecê-las aos gatunos sem juízo.

- Oba! Vamos comer carne de galinha.

A amiga da filha da dona da galinha estava se gabando e Edy disse ao seu amigo:

- Oh Jamba, hoje nós vamos dormir cedo, não vamos mais fazer cuta ya?

- Não! Você já comeu na nossa casa.

- Vou pagar essa cuta amanhã.

- Não, então paga o nosso funje com peixe.

- Mamã – perguntou a filha à sua mãe. – Cada pessoa com a galinha dele, não é?...

Em silêncio, a dona das galinhas recolhia os ovos e reclama em seu pensamento. De repente ouviu um grito de socorro de uma galinha que corria fazendo a poeira levantar. "Cocorococó-co-co". A dona da galinha, sem ânimo não dava atenção ao grito da galinha, mas a sua filha ao lado gritou.

- Agarra, agarra, oba essa galinha corre ia.

A dona da galinha olhou para a direcção de onde se ouvia o grito de socorro da galinha e ela também gritou.

- A galinhaaaaaaa!



A senhora quase que jogou os ovos nas mãos da sua filha e saiu a correr para fora e gritava.

- A galinha! Óh Carlitos, Jamba, ove corre... ó Ciumara, a galinha...

A senhora deixou tudo e começou a correr atrás do galo, enquanto o galo corria atrás da galinha. O galo dominava todos os truques das galinhas, a galinha curvava, o galo curvava, mas a dona da galinha não fica para trás, também corria atrás do galo, e o galo corria atrás da galinha. Alguns

homens que passavam por perto se admiravam, mas não paravam para ajudar, somente admiravam com seus sorrisos e admiração. As crianças que brincavam próximo daí, ao verem a senhora que corria atrás das galinhas se animaram com isso e por isso gritavam.

- Oba, oba a tia Suraia está a fazer corrida com as galinhas, viva!
- Viva, quem vai ganhar...
- Vamos apostar...

Alguns jovens vieram e ajudaram a correr atrás da galinha e agarraram a galinha. Então se alegrou a senhora com as suas vizinhas, mas o galo ficou envergonhado e não parava de cacarejar de raiva.

Caminhando para a sua casa, a senhora viu a outra galinha que também julgava estar desaparecida e se alegrou.

- Oba, as minhas galinhas apareceram...

Nessa alegria e conversa que ressuscitou a ideia de continuar com a criação de galinhas, alguém se lembrou que alguns jovens correram atrás de um suposto gatuno que passou a correr exactamente com duas galinhas... e todos exclamaram com medo...

- Ene, e ainda não voltaram?!

Então aquele jovem não é gatuno?!

Preocupadas com o assunto, se perguntavam por que os homens que foram atrás do jovem das galinhas ainda não tinham voltado.

- Ene, onde devem estar agora os filhos alheios? – Perguntavam-se entre si.

Enquanto as senhoras e crianças se perguntavam sobre os homens e as galinhas, uma das crianças abriu os olhos de admiração e disse:

- Ó mamã, olha só como é que o mano Toy está empoeirado, parece que agora cavar cacimba está a dar muito dinheiro.

As senhoras se levantaram com pressa e ao ver o jovem Toy gritaram com medo e preocupação.

- Ó meu Deus, o que aconteceu?...

Será que esse é mesmooToy – elas se perguntavam.

- É ele, não vez que é cambaio...

- Ó mana, é mesmo o Toy, eu já lhe reconheci no nariz.

- Ove, os outros?...

- As galinhas?...

O jovem Toy estava tão empoeirado que só era reconhecido pelo tamanho do nariz e pela voz que era grossa.

Ó você, fala...

- Ó Toy fala, onde estão os outros?
- Éh...éh...éh...éh...
- Ó você, não gagueja, ainda fala, os outros que foram juntos...?
- Eh... os outros estão a vir aí... mas o Guerra que trabalha na padaria e o Edson Prata, o baixinho mas que calça 55 lhes levaram ao hospital.
- O quê?!
- Qual hospital?
- Hospital central do Lubango?
- Não... hé... no posto médico daqui da Arimba.
- Mas por que, fizeram o que?

Toy gaguejava por isso se demorava para falar.

- Éh... éh, éh... aquele que roubou as galinhas... ba, ba, bati muito e tem técnicas raras que só os antigos combatentes podem descodificar.

- Óh você, se aquele jovem não roubou aquelas galinhas, então onde é que tirou aquelas galinhas? – Perguntou uma das senhoras.

O jovem Toy ao ouvir que aquele jovem que estavam a lutar com ele não roubou as galinhas, franziu seu rosto de dúvida e perguntou:

- Como assim aquele não roubou aquelas galinhas?

Ó meu filho, as minhas duas galinhas apareceram.

O jovem Toy ao ouvir isso, ficou muito aborrecido, mas ainda conseguiu falar.

- Éh!, é mesmo verdade, o meu avô sempre disse, quem se mete nos problemas alheios, é como alguém que puxa na orelha de um cão que passa pela rua.

- **CAPÍTULO [10]** -

...

No posto médico da Arimba, médicos, enfermeiros e assistentes de saúde tentavam com admiração avaliar as circunstâncias dos ferimentos que os pacientes apresentavam no banco de urgência. As inquietudes dos especialistas de saúde suscitavam medo, alguns enfermeiros correram para consultar alguns livros de medicina para que lhes ajudasse a avaliar tais ferimentos e dar seguimento com o mesmo tratamento, mas as letras se tornaram raras para se entender.

- Não pode ser! - Ouvia-se isso por todo lado no posto médico.

Uma das enfermeiras correu para a sala de emergência para consultar um dos amigos dos dois jovens, que acabavam de entrar na sala de emergência.

- De onde vocês estão a vir? - Perguntou a enfermeira para um dos companheiros.

Com o corpo e a voz cansada, o jovem olhou para a enfermeira e em seguida respondeu, olhando no chão.

- Estamos a sair da rua por trás nas casas novas, nas primeiras casas depois da Boa Viagem. Na verdade nós descemos para a direcção do lado Este da Arimba, para quem vai ao Vihango, naquelas baixas, nas matas...

- Eu sabia, naquelas matas tem bichos, também deve ter onças.

Com ar de preocupação, a enfermeira olhou para a direcção do bairro, ficou preocupada e pensativa. Viu dois jovens que passavam despreocupados com qualquer assunto, próximos do posto médico, ela viajou para a conversa deles e começou a ouvir a conversa dos jovens.

- Óh, nem imaginas, só a pedra daquele chimpanzé, quando ele atira, é tipo tiro.

A enfermeira ao ouvir isso, sentiu sua garganta seca e engoliu saliva em seu pensamento, e sentiu medo. Mas ainda assim, ganhou coragem e perguntou.

- Mas o que aconteceu? Foi onça ou chimpanzé, que vos feriu assim?

- Nem onça, nem chimpanzé, foi surra.

- Como assim... surra?! - Perguntou a enfermeira.

- Um homem é que nos bateu. Dizem que o nome dele é Chris.

A enfermeira caiu sobre a cadeira sem força nos braços.

- Não brinca com coisas sérias, ia. - Disse a enfermeira.

- Essas feridas que nós estamos a ver aí?! Esses do jeito que estão, até deviam ser levados para um hospital com equipamentos sofisticados.

O jovem ao ouvir isso, se endireitou no banco do posto médico e pensou, "eu também quero ser levado para ser tratado", olhou para a direcção do Aeroporto Internacional

da Mukanka, na Huíla, situado a 3 km a noroeste de Arimba. Do centro médico, o jovem começou a imaginar-se a subir num avião.

- Doutora - interrompeu uma voz

- Os pacientes serão transferidos para o hospital central do Lubango.

A doutora já não falou nada ao jovem, levantou e começou a caminhar enquanto falava algumas palavras.

- Arimba, Santo Arina, Arimba, Santo Arina, Arimba, Santo Arina...

O jovem que estava a conversar com a enfermeira sentiu medo, pensou que a enfermeira estivesse a fazer uma oração, se endireitou na cadeira, mas se lembrou que ela estava a falar da sua comuna, do nome actual e de como era anteriormente chamada. Abanou a cabeça com o gesto de deixa para lá, mas ainda assim falou baixinho.

- Arimba, Santo Arina, Arimba, Santo Arina, Arimba Arimba, epa é mesma coisa.

Olhou para qualquer direcção para tentar reconhecer alguém, e depois voltou a olhar para a enfermeira enquanto consertava o seu sapato furado. Na sala de emergência, a enfermeira olhava para o jardim e pensava no seu namorado que vivia no mesmo bairro, onde estavam a vir os jovens feridos. Pensava como poderia ajudá-lo a sair das dívidas que ele tinha e como conseguiria um emprego para ele. Preocupada, uma lágrima rolou no seu rosto, mas guardou tais sentimentos e ignorou a vontade de chorar.

Noutro lado da página dessa preocupação estava a dona Flora, que rezava e pedia que o sol parasse. Mas o sol não parava.

- **CAPÍTULO [11]** -

...

Que horas são

A mente, o corpo e os pés de Chris estavam folgados de qualquer preocupação. Alongava os seus passos, olhava para trás várias vezes para se certificar de que estava livre de qualquer perseguição. Olhou para o sol e começou a pensar nas horas.

De longe viu um senhor avançado de idade que fazia cestos artesanais por baixo de uma árvore de mangueira. O mais velho não mostrava nenhum interesse nas situações à sua volta, atentava seus pensamentos nos seus artesanatos, mas bem sabia que alguém se aproximava a ele.

Chris se aproximou ao senhor e saudou:

- Saudações meu senhor!

O senhor acenou com a cabeça, enquanto olhava para as roupas empoeiradas de Chris, mas sem parar de fazer seus trabalhos.

- Por favor, o senhor tem hora certa aí?

Com um sorriso provocante, o senhor parou de fazer os cestos e disse para o jovem Chris.

- Meu jovem, não existe hora certa. Existe hora pontual.

Com um gesto de dúvida, Chris mostrou estar interrogado com o que o senhor falou, por isso franziu os olhos de dúvida, fazendo-se perceber ao senhor.

- Tem pessoas que, para elas o dia começa com o nascer do sol e termina quando o sol se põe, fazendo surgir a noite.

O senhor de idade avançada percebeu que Chris não tinha percebido e, começou a esclarecer.

- Imagina que alguém te liga quando forem 05 horas da manhã, tu irias gostar?

- 5 horas! não fica bem...

- Normalmente as pessoas acordam às 6 horas para se preparar e ir aos seus trabalhos. Para ti, talvez 6 horas seja hora de fazer alguns negócios e mais outras coisas, mas, se por exemplo tiveres um amigo que vive na China, como saberás que ele já acordou? E se você ligar as 6 horas para o teu primo que está na província do Moxico, aqui em Angola, e quiseses falar de negócios, ele provavelmente dirá que você dorme muito...

- Como assim? - Perguntou o jovem Chris ao senhor. Se na província do Moxico for 6 horas, aqui na Huíla também serão 6 horas, é tudo Angola...

- Por isso mesmo que não existe hora certa.

- Não...

- Meu jovem, na província do Moxico, o sol nasce mais cedo que noutras províncias. Quando na província do

Moxico, em Angola já estão a tomar o pequeno almoço, noutro lado de Angola, noutras províncias ainda estão a sonhar. Tudo em Angola. Pergunta ao teu professor de geografia para te esclarecer melhor, no Moxico, Norte de Angola, na terra do grande pensador e dos Tucokwe, o sol nasce mais cedo e se põe mais cedo. Quer dizer que se o teu primo vive no Luena te ligar, quer dizer que assim lá já amanheceu.

- Isso é complicado.

- O homem sempre guiou a sua vida pelo nascer do solar. Antigamente os romanos começavam a contar as horas do dia, a partir do meio dia, ou seja, quando o sol estivesse no centro do céu, ou em direcção à sua cabeça, para eles assim começava o novo dia.

Chris estava com dúvida e por isso argumentou.

- Não pode ser, depois da meia-noite já é um novo dia. Não seria assim, senhor?

- Curioso, e 00h01 minutos é bom dia ou boa noite?

- Bom dia, porque começa o novo dia.

- Não, não, o bom dia só é usado depois de acordarmos, quando o sol nasce.

- Bem, por mim, depende das situações, se eu estiver acordado 00h00, vou saudar bom dia porque já estou acordado.

- Meu filho, esse tema é antigo. Nos tempos dos Romanos o dia começava com o raiar da luz do sol. Só que,

havia dias mais curtos e dias mais longos. Mas certa vez um homem tinha uma dívida e por isso, esperou um tempo em que o dia era mais curto, com a intenção de prejudicar o outro...

- Não estou a entender nada.

O senhor interrompeu a pequena história que contava e voltou aos tempos dos romanos, e dizia.

- Depois de alguns anos, começaram a contar-se os dias a partir do meio-dia, a hora em que o sol passava por cima das cabeças, mas isso não durou muito, então escolheram a noite para começar a contar como o início do dia.

- Agora sim – respondeu Chris com satisfação.

- Sim, depois escolheram a noite, apoiando-se numa determinada estrela que passava por cima das pessoas, aí se definia a passagem de um dia para o outro, mas isso ainda hoje perdura até hoje, e, depende de tribo para tribo. Até hoje, em algumas terras se contam os dias de diferentes formas.

- Avô eu não estou a entender mesmo nada.

- Por exemplo, na Rússia existem as chamadas noites claras, em que o sol se põe depois da meia-noite. Se aqui são 16 horas, lá não, então não existe hora certa.

- Ah!, pronto! então a saudação que fique assim, também é só uma mera saudação.

- ... mas 00h00, cumprimenta-se bom dia ou boa noite?

Uma criancinha que estava ao lado se atreveu a responder.

- Chamem os romanos.

Enquanto decorria esse debate entre o jovem Chris, o velho dos cestos e mais duas criancinhas, os jovens que perseguiam Chris, estavam a chegar e a distância começaram a olhar para todas as direcções, procurando pelo jovem das galinhas. Ao vê-lo, começaram a aproximar-se com fúria, mas ainda desorientados. Chris não os tinha visto, mas por sorte da sua atenção, virou-se para tal direcção e viu os jovens. Se apressou para olhar ao velho dos cestos e esse disse para ele.

- Desde que essa terra existe, tem um dia que o sol parou. Procure alguém que entenda disso para você saber mais sobre o assunto, é importante...

A preocupação de Chris aumentou e queria pedir ajuda ao senhor, mas percebeu que o mais velho já não tinha forças para poder ajuda-lo nessa situação. Mas o mais velho falava sem olhar para Chris.

- A propósito, também procure saber por que alguns anos têm 366 dias e outros 365 dias...

O jovem Chris olhou para o perigo e depois olhou para senhor de idade que também acabou de perceber o perigo, e se apressou a falar para Chris.

- Jovem, o homem tem mais passado do que futuro, por isso meu filho, corre, e escapa-te.

Os jovens viram que alguém à distância estava a correr com galinhas na mão, então gritaram.

- Galinhaaa, agarra a galinha... galinha!

De longe, o mais velho viu que os jovens vinham a correr com determinação. O que corria na frente, corria com muita fúria, e de tanta raiva que sentia, rompeu duas árvores, e depois ainda caiu mais com uma árvore e depois tirou um adobe de um muro e o partiu no chão. Chris ouviu um barulho misturado com fúria e, até parou por um instante, viu essa cena e as galinhas que estavam na mão choram pela vida de Chris.

Mas Chris não sabia porque estava a ser perseguido. Outros dois companheiros viram a fúria de seu amigo e ganharam coragem gemendo de raiva. Um deles pegou na sua flecha e a mirou para Chris e a lançou.

Chris percebeu que uma flecha estava a ser preparada para ser disparada, começou a correr, olhou para trás e viu que o disparo da flecha já estava na sua mira, lançada para matar. Aumentou seus passos para escapar. A flecha vibrava no ar e o vento soprava na direcção da morte, a flecha estava com gula de furar e fazer saltar sangue, e ela assobiava em direcção às costas de Chris, como um cão famoso em plena fúria, na presença de seu dono. A flecha obedecia a velocidade e apontava as costas de Chris.

Pensando que a flecha já tinha se desviado da sua mira, Chris corria e percebeu que tinha uma curva na sua direita e

se virou para mudar de direcção. Correu e assim que curvou, ouviu um grito que foi interrompido por um silêncio eterno, o silêncio da morte. Quando se virou para ver que barulho era aquele, numa distância de meio metro ao seu lado esquerdo, ele viu um cão a ser arrastado por uma flecha e humilhado pela força da morte. Ele reconheceu que era a mesma flecha que lhe perseguia.

O medo aumentou e sua perseguição se tornou verdadeira. Não olhou para trás e curvou entre as árvores em uma descida de terra e escapou da mira dos inimigos. Irresolutos, os três jovens passaram por ele sem lhe ver e correram atrás de ninguém.

Chris olhava para o sol com súplicas, tentando ganhar uma certa amizade, mas o sol não parava para pelo menos esperar o problema de Chris passar. Mas a noite espreitava com gula de entrar na cena, como um cão espera para ser solto das correntes que lhe privam a liberdade.

- **CAPÍTULO [12]** -

...

Você paga a minha dívida

Em passos de camaleão e olhos de águia, Chris desenhava os seus passos numa nova rua. Pensava em voltar para casa, mas já não sabia como. Sua mente estava repleta de pensamentos. As horas passavam e, apreciavam ser mais rápidas como pela primeira vez em toda história, e a noite se aproximava e outros perigos espreitavam. Distante de casa, o medo o traía e os pensamentos incomodavam os seus passos.

Olhando pelas casas, muitas delas fechadas, o silêncio era como uma carta digna para as casas nessa hora, com os olhos procurou por socorro em todas as direcções, mas só conseguia ver alguns cães que se consolavam com suas patas, abanando-se nas feridas das orelhas. A tarde se aproximava e dominava todos os corpos e preenchia toda terra.

Com medo do poder da fama da noite, Chris começou a ir para a direcção de uma casa que estava semi-aberta. Com passos de firmeza para não se parecer como gatuno, começou a caminhar em direcção a essa casa e com favor para evitar qualquer problema.

Ao chegar a casa, Chris se preparou para bater a porta, mas de repente ouviu um barulho como o de arrastar de cadeiras para o chão. Seus ouvidos atentaram para dentro

de casa e começou a ouvir outro barulho acompanhado de pequenos gemidos estranhos. Pensou que um casal estivesse em festa, pensou e repensou e ficou muito aborrecido com tudo que estava a pensar dentro de si, "isso é abuso, isso é mesmo abuso" reclama em seus pensamentos. " Bater a porta... interromper esse casal, isso sim, é crime das gerações... não, nem que tivesse um blindado sobre a minha mira...", pensava ele. Então decidiu voltar. Antes de dar um passo, virou-se para olhar em todas as direções como prevenção, começou a andar e ainda pensou, "isso é falta de respeito, eles sabiam que eu estava na porta, deviam pelo menos fechar a porta e a janela". Deu quatro passos saindo da porta, e o barulho parecia estar a aumentar como se alguém estivesse a roncar, e Chris pensou, "não está a aguentar a batida, é isso aí". Quando deu o quinto passo, já em direção à janela, desconfiou que os seus olhos tinham visto alguma coisa estranha na janela. Com os pés fixos no chão, sua cabeça e corpo recuou para espiar na janela e se certificar que os seus olhos tinham realmente visto alguma coisa estranha. Ele viu, ele viu! Viu uma imagem realmente assustadora. Viajou para a importância da vida, ignorou o perigo de estar a ser perseguido, não pensou um segundo para decidir, correu para dentro de casa.

Rompeu o vento, rasgou as cortinas das duas portas e sem permissão entrou no quarto. Chris acreditou nos seus pensamentos, largou as galinhas e começou a gritar com todas as suas forças até rasgar a sua garganta. Em menos de um minuto, a sua voz estava rouca, mas continuou a gritar.

- Socorro, socorro! Alguém está a enforçar-se, alguém está a enforçar-se, socorro!

Agarrou a pessoa pendurada na corda sobre o barroto, começou a levanta-lo para que a corda não fizesse força sobre o pescoço. E começou de novo a gritar:

- Socorro, socorro alguém me ajuda...

Com os pés, tentava puxar a cadeira que estava próximo de si, mas não conseguia. Olhou para cima e percebeu que a corda já não fazia pressão sobre o pescoço.

-Por favor, não se mate! Vá, desamarre a corda, ganha força, desamarre, não morra.

Chris tentava falar com a pessoa que tentava se matar. Percebeu que o homem ainda respirava mas, não tinha forças suficientes para se aguentar ou desamarrar a corda. Pensou em deixá-lo para tirar a corda, mas julgou que o homem não fosse aguentar de novo à pressão da corda sobre o pescoço.

- Socorrooooooooooooo!

Mas a sua voz já não se ouvia, nem mesmo por ele. Cansado, de longe os seus ouvidos começaram a ouvir alguns passos. Mas já se sentia cansado, e na sua altura baixa, se ajeitou e meteu o homem no seu ombro. Descobriu que a corda não estava amarrada no pescoço, e começou a mirar o pescoço do homem para escapar da corda. Ajustou seus passos, e com os olhos no ar conseguiu escapar o pescoço do homem na corda da morte, mas não conseguiu

manter o equilíbrio e ambos caíram para trás e uma galinha morreu na hora.

Chris percebeu que o homem que acabara de salvar, estava quase inconsciente, olhou para todas as direcções, viu uma bacia e percebeu que tinha água, correu e já à distância começou a jogar água no homem. O homem começou a ajustar-se no chão, Chris correu para a sala para ir buscar água, mas na mesa encontrou um grande envelope que mostrava certo interesse, mas ele ignorou-o e somente pegou no prato de comida e o deu para o homem, e este pegou no prato e em seguida disse:

- Ainda bem que não morri.
- Com assim? - Perguntou Chris ao homem.
- Se eu morresse, esse prato de arroz com feijão ficaria para outra pessoa.
- Éh...
- E quem é você? – Perguntou o homem no chão quase morto.
- Bem eu, eu só tentei te salvar porque tu querias te matar.
- Você não devia me salvar. – Disse o homem que agora estava sério mas se recuperando.
- Porquê? – Perguntou Chris.
- Eu queria me matar, porque o meu amigo quer me matar.

Chris ficou de lábios caídos, repleto de dúvida e seus pensamentos começaram a interpretar frases alheias e fora da situação. Mas o homem ainda falou.

- O meu amigo quer me matar porque ele ama muito a namorada dele.

O homem falou isso e depois ficou calado por alguns instantes, enquanto metia a comida na boca, e Chris não sabia o que perguntar, mas seus pensamentos ficaram baralhados. Ele comia e o sabor da comida lhe dava mais vida, mas nos seus dedos havia uma certa preocupação. Comia rápido e lambia o garfo com fula e seus dedos tremiam. Mas ainda assim disse:

- Eu... Engravidei a namorada desse meu amigo... Ele descobriu e disse, só se o sol parar, se não parar, eu vou te matar.

- Como assim?

- Esse meu amigo é mestre de capoeira, ele bate muito, o nome dele é, Cacau.

Chris ao ouvir falar que a pessoa que quer matar esse homem é mestre de capoeira, começou a rir-se, pois pensou que se trata de um mestre de capoeira de galinhas.

- kia kia kia kia kia... não te preocupes, eu também sei fazer capoeira. Ó mano, eu vivo na comuna do Mbeu, na Matala lá o meu trabalho é fazer capoeira de galinhas, currais de bois e até de porcos. Olha, isso não é galinha...

- Escuta – interrompeu o meio morto – aqui na cidade, capoeira é um estilo de artes marciais. Ele quando

quer te bater, primeiro voa, vuuuuuu, no ar. E quando vem para te bater, tu já não entendes.

Chris ao ouvir isso, devem ser aqueles que temos visto nos filmes.

- Leve esse caso à polícia, e solicite alguns mais velhos para te ajudarem a resolver isso. - Disse Chris.

- Não sei como sair daqui, também estou a dever 300 mil kwanzas num chefe de bandidos, e eles me falaram que tenho que pagar esse dinheiro hoje antes de o sol se pôr. Senão vão me matar.

Chris nos seus pensamentos reflectia, "hum, acho que encontrei alguém que tem mais problemas do que eu". Sem dizer uma palavra, Chris pegou nas galinhas e deu as costas para ir embora, mas o homem no chão se apressou a falar para Chris, e ele parou com surpresa.

- Você não pode ir, eu queria me matar para escapar desse problema, mas já que você impediu que eu me matasse, ainda por cima me deixaste cair no chão, e, estou com o pescoço a doer, agora você vai resolver esses problemas na minha conta, hoje.

Na mente de Chris, seus pensamentos ficaram mais negros, e se lembrou de muitos ditados... Chris queria falar para se defender mas o homem no chão também falou mais rápido para impedi-lo de falar, e ambos falam ao mesmo tempo, e tudo se pareceu como uma discussão. Nesse momento as pessoas começaram a entrar em casa, e, pensaram que eles estavam mesmo a discutir no quarto, e em nome do socorro que ouviram, não esperaram e nem

pediram permissão. Entraram no quarto. Viram que Chris respirava fundo, e notaram também que as suas roupas estavam sujas e molhadas, uma vírgula e um ponto de interrogação ficaram marcados na mente das pessoas que acabavam de entrar. Como um toque combinado, bem devagar todos começaram a virar-se para o homem caído, que acabava de botar um prato vazio no chão e sentiram medo do seu jeito quase morto.

A cortina se abriu e outras pessoas entraram e cansados de tanto correr e pensar, logo perguntaram já com pouco fôlego.

- Nós ouvimos o grito de socorro, o que se paga?

- Oh, não isso é o que? - Perguntavam.

O homem que foi salvo das cordas da morte, ganhou coragem e começou a falar, mas acusando Chris.

- Esse homem me deve 300 mil e queria me matar porque veio aqui com a ideia de me pagar esse dinheiro com essas duas galinhas, que vocês estão a ver nas mãos dele.

Todos olharam para Chris e sentiram medo e raiva ao mesmo tempo. Mas voltaram a olhar para o homem sem forças.

- Vejam, - Disse o homem indicando na corda amarrada no barroto.

Enquanto o homem falava, Chris procurava por uma saída e descobriu que afinal não era um quarto mas um grande corredor que dava passagem para outro lado de trás

da casa, olhou e percebeu que tinha uma cortina, achou uma saída.

Os que estavam na sala ao ouvirem isso saíram a correr e começaram a apanhar pedras, chave de fenda e enxadas e quando entraram, avançaram já para o quarto, mas o jovem Chris não estava. Procuraram por ele pela casa toda, mas nada e por fim descobriram que a casa tinha duas saídas. Ao voltarem para o quarto onde estava o homem caído, alguns já lhe aconselhavam com palavras de vida e consolo. O homem que queria se matar, sentiu que estava com sorte, ao perceber que dois dos homens que ele estava a dever os 300. 000, também estavam ali, então começou a transferir toda a culpa para Chris.

- Então esse sujeito é que está com o nosso dinheiro, deixe connosco, vamos cuidar disso pessoalmente, só se o sol parar. - Disse um dos homens da dívida.

Depois de duas ruas, estava o jovem Chris com as duas galinhas na mão, uma morta e uma viva. Alguns espiavam na direcção tomada por Chris, e como uma cortina a fechar-se, o sol começou a desaparecer gradualmente das montanhas, e era possível ver isso de onde essas pessoas estavam.

Outras pessoas chegavam e surpreendiam-se com o que viam e ouviam, mas aconselhavam o homem a não desistir da vida, antes disso, que fosse atrás dessa dívida porque era o dinheiro que lhe devia ajudar.

Enquanto as pessoas chegavam, se admiravam e amaldiçoavam esse problema no bairro, mas também outros olhavam à volta da casa, para ver o que tinha. Uma pessoa

viu um envelope por cima da mesa, correu para o quarto e gritou:

- Olhem, é um testamento.
- Vamos ler.

Ao ouvirem falar de testamento, todos se lembraram que se tratava do homem que estava para morrer e isso conquistou a atenção de todos e por isso o homem do testamento se apressou a ler.

TESTAMENTO

Para todos que lerem este testamento, considerem este meu último pedido.

Não foi por mal, não foi. Eu me matei para escapar de uma pior morte, morte que não sabia como seria, mas minha querida, única amada namorada, eu fui, mas por intermédio deste testamento, eu te deixo a minha casa, a minha cama; que está sem um dos pernos, mas se procurares um carpinteiro, ele pode reparar.

Enquanto se lia esse testamento, todos estavam atentos e admirados e com raiva das palavras escritas nela. E de tanta curiosidade para saber o fim do testamento, as

peças começaram a encostar-se a pessoa que estava a ler, e as cabeças empurravam-se aos olhos da carta de testamento. Admirados exclamavam de raiva e admiração.

- Oko...!
- Ene, isso assim já é o que?!
- Ele ama a sua namorada...
- Tcha! Amor d'onte...

Enquanto isso: o homem que lia o testamento continuava a ler, mas alguém atreviu-se a interrogar.

- Não deixou nada para mim?!
- Esse não tem juízo!

O homem da carta estava a ler e todos estavam virados e atentos na carta.

- A carta está a terminar, e nada para mim que sou a tia dele?

- Essa tal namorada então é quem, caiu do céu ou é uma rainha das rosa?...

- E para a mulher que ele engravidou, deixou o que?

E das pessoas cuja dívida de 300 mil pertencia, ao ver que a carta estava no fim, preocupados os homens da dívida dos 300.000 exclamaram ao mesmo tempo.

- E a nossa dívida?
- Ele come na mãe dele – respondeu alguém.

- Oko, ele não deixou nada para a mãe dele?!
- Deixou tudo para essa tal namorada que nem conhecemos.

...estás grávida, mas não vais sofrer...

- Não! A moça que ele fez apresentação não está grávida...
- Esse sujo merece morrer...

...Minga, fica com tudo isso e não é preciso o Páiza saber...

Os homens ao ouvir essa parte da carta, rasgaram de suas mentes, as páginas de amor e perdão e em alta voz reclamaram.

- ...Minga?!!!!... a namorada do nosso chefe Páiza?!
- Merece morrer!
- Ei, ei, vejam só, onde estão as galinhas... Aqui tinha duas galinhas, onde estão?

Um dos chefes desse grupo determinava muitos assuntos, com a mão sobre o queixo, reflectia e depois disse:

- Opa! Então também é gatuno de galinhas... hum, roubo de galinhas, acusação falsa e tentativa de suicídio... jovem escreve um testamento, deixa tudo para a sua namorada mas esquece de sua própria mãe... has Veja, as galinhas.

Ele ficou uns segundos ainda em reflexão, enquanto todos olhavam para ele, como cobrando uma ordem... Em seguida acrescentou.

- Pessoal afiai as flechas, preparai as catanas; mesmo a partir dos altos céus, se despertou o espírito dos reis dos medos; porque há um propósito, esse é, completamente toda raiz desse mal que quer visitar a nossa comuna: A gatunice deve ser extirpada do nosso seio. Se nós ficarmos de braços cruzados, o Senhor nos castigará.

Todos se viraram para o jovem que estava para se matar, escreveu a carta, mas ficaram surpreendidos ao ver que no lugar onde estava o jovem, só tinha uma cadeira a balançar. O homem já não estava lá. Nervosos, viraram-se para a janela e viram o homem a correr com uma mochila sobre as costas e um prato na mão direita.

- Atrás do camarada – gritou o chefe.

O sol já tinha se posto, mas a poeira estava a favor da multidão, por isso era possível ver a direcção em que ele seguia. Todos os homens gritaram

A tia do jovem também estava a correr atrás do seu sobrinho mas os jovens corriam mais rápido e ela não aguentava. Ela começou a ficar para trás. De longe a tia do

jovem gritou para os jovens, principalmente para os que estavam com a carta e o envelope nas mãos.

- Oh pai corre mesmo, ele tem que voltar aqui para retificar essa carta.

Do outro lado da rua, Chris corria tentando alcançar o dia e deixar para trás a noite, suplicava ao sol como se o mesmo estivesse a ouvir-lhe.

- Por favor... por favor... Sol, pára aí.

Ele corria com todas as suas forças para a direcção do sol, e pensava, "se eu conseguir chegar até aquela montanha, vou encontrar o sol.

- Por favor, sol... sou eu o Nambalo, o Chris por favor, recue só um pouco, lembre-se de... Acáz, lembre-se de Isaías trinta e oito, no oito... sol, pare... recue só mais dez graus, eu não sou daqui, lembra-se só de mim... sol, eu sou da Matala.

Enquanto homens cheios de raiva corriam para o lado Este da vila da Arimba, atrás do jovem do testamento, por onde passava, as pessoas viam que um homem corria com todas as suas forças, mas atrás dele se admiravam da poeira que lhe perseguia. Mas o sol inclinava para outra direcção. Mas o sol não parou. Em algumas regiões, de longe se via a chover. O perigo espreitava e a noite foi despejada como uma cortina em toda a vila da Arimba, de longe nas montanhas do Cristo Rei, a noite vestiu toda a cidade do Lubango.



O jovem Chris estava desorientado, mas com os seus próprios olhos chegou a ver as luzes a acender-se no monte do Cristo Rei, o despejar da noite sobre o Cristo Rei, "Cristo Rei, eu vi o famoso Cristo Rei", pensa ele admirado pela nova beleza que a cidade mostrava de longe, pelo clarear das luzes que pintavam a noite. Mas essa alegria só durou um instante. Como um alarme, assim que a noite abraçou todos os corpos, ele começou a ouvir assobios por toda parte. Se abaixou com medo e começou a procurar com os olhos para saber de onde vinham tais barulhos, mas, o barulho parecia crescer e cercava todas as direcções.

Agora sim, o medo se tornou como cinto sobre a sua cintura e o frio como uma capa pesada sobre os seus ombros. Não conhecia Lubango nem a comuna da Arimba onde chegará a dois dias. Caminhou algumas milhas tentando achar um lugar abandonado para se refugiar, mas tudo parecia incerto e perigoso. Tudo estava escuro e as dúvidas não lhe ajudavam em nada. Tentava alcançar qualquer luz próxima, mas a luz da esperança brilhava distante na cidade do Lubango. "Vou para lá" - pensou ele.

Olhou para a sua esquerda e viu uma luz. Outra luz e, uma, duas, três, quatro, e de forma acelerada, muitas luzes começaram a acender-se em muitas direcções. Com medo, não conseguiu guardar a sua voz.

- O que é isso?!



- **CAPÍTULO [13]** -

...

O cantor abandonou o palco

Noutras ruas da vila da Arimba, tudo parecia calmo e perfeito, e em passos de emoção, Januário Nunda desfilava-se em direção a casa da namorada do seu amigo Páiza. Respirou muitos anseios, com lembranças da boa hospitalidade habitual da Minga. Achou que fosse manhã. Acreditou que dos céus fossem chover muitos bolinhos e quissangua como é de hábito.

Diante dos seus passos, as árvores cantavam pela força do vento que soprava para a mesma direcção, havia iminência de chuva. As árvores pareciam como coral preparado para actuar num estádio de cem mil espectadores. Os seus ouvidos procuravam no cantar das árvores, a voz mais fina para desconfiar e sussurrar o nome da moça que ele estava apaixonada, que era amiga de Minga, e, em seus pensamentos dizia: "-vou pintar os seus lábios com a minha de alegria.

Deu vários sorrisos, enquanto a natureza lhe convidava para se apaixonar mais pela vida. "- Que natureza agitadora." Pensou ele. Caminhava com um sorriso no olho. O amanhecer e a tarde estavam dentro dele. Para além de seu alegre rosto que transmitia, queria ser mais jovem. Julgou que estivesse num salão de bodas. Aleluia!

- Ela é minha! Dizia e abanava a cabeça de cima para baixo, dando-se razão. Ao chegar a casa, bateu o portão três vezes e se animava muito com algumas lembranças em mente. Esperava ansioso, fixando os olhos no portão. E quando pensou em bater o portão de novo, de repente ouviu.

- Boa tarde, Januário!

- Oh, sim boa tarde Minga!...

- Mas... Por aqui a essa hora?!

- Eu estava com muitas saudades de vocês.

Januário estava muito emocionado, sorria e pedia com o seu jeito e gestos que fosse convidado para entrar e sentar, mas Minga olhava para a direcção do sol várias vezes, querendo dizer a Januário que era tarde para essa visita.

A emoção era tanta que Januário respirava flores mas não percebia a preocupação de Minga. Mas por fim Minga disse para ele para entrar.

- Está à vontade, entra.

Januário entrou apressadamente, com emoção começou a desenhar com saudade, os antigos encontros românticos que tiveram aí, ele, seu amigo Páiza e a amiga da Minga. Apressado, queria logo pedir que Minga fosse chamar a sua amiga, mas por fim ficou calado. Os seus planos quase que batiam record mas, desta vez Januário encontrou em casa algumas crianças que lhe surpreenderam como água fria em plena noite de frio. Mas para animar e

ganhar amizade das crianças, Januário começou a conquistá-las.

- Oi meninas, é o seguinte eu sou cantor, sabiam disso?

Dentro de casa, ele não deu conta do tempo, mas a noite se apressava. Januário, começou a cantar para as crianças e elas se animavam muito, enquanto o tempo passava.

Ele cantava, conta histórias, enquanto as crianças batiam palmas e lá fora, o tempo passava. De repente ouviu o riscar de um palito na caixa de fósforo e o candeeiro foi aceso. Mas o silêncio não foi boa eupepsia ao caso, pois, uma das crianças atreveu-se em pedir que Januário não parasse de cantar. Mas de repente uma voz grossa entrou e saudou.

- Boa noite!

Um calafrio visitou Januário e mesmo sem comer nada rotou e engasgou-se, mas conseguiu guardar a chance de ser notado.

- Boa noite!... É verdade... é, sim!

Gaguejou com o sorriso desenhado nos lábios mas sem mostrar a cor dos dentes. Sentiu vontade de desmaiar. Pensou em recuar o sol, mas acreditou que ainda não existisse uma máquina para isso, nesse dia o sol tinha outro compromisso. Minga estava grávida e o pai dela queria tanto conhecer o homem que a engravidou, mas o tal nunca se apresentou. Quando o pai da Minga entrou, pensou logo que

esse seria o homem que a engravidou, e pela hora, se enfureceu.

- Muito bem, Minga quem é esse homem?

Olhando para qualquer canto a Minga respondeu.

- Ele é o meu amigo, pai.

Pela resposta da Minga, Januário sentiu-se orgulhoso e com vontade de agradecer com palmas, mas as mãos ignoraram o pedido. Pensava nos dias bons mas não se esqueceu dos maus dias. Tudo estava num curso anormal.

- O que faço? Pensava e repensava Januário. Endireitou-se muitas vezes na cadeira. Cruzou e ajustou suas pernas inúmeras vezes até cavar um buraco com a parte traseira dos sapatos.

O seu estômago calculou todas as refeições perdidas e sentiu fome nessa hora. Então ouviu-se um barulho que se julgou ter vindo da barriga de Januário, com medo, os lábios de Januário ficaram secos no momento. De tanto silêncio, ouvia-se o barulho de saliva a atravessar a garganta de Januário várias vezes. O pobre jovem pensou em inventar uma tosse para mostrar ao pai da moça a sua presença, mas, o seu subconsciente o aconselhou a não fazer isso, pois, a garganta estava tão seca que se tossisse, poderia sair poeira na boca. Os lábios estavam pintados de fome e a língua visitou várias vezes os limites labiais que já estavam fartos de inventar sorrisos sem significado e fora de suas habilidades. Alegres e sem noção, as criancinhas olhavam para Januário e deleitavam-se, julgando que ele estivesse a fazer uma coreografia.

A mais corajosa preparou um sorriso bem expresso que se fez acompanhar com algumas palavrinhas.

- O amigo da mana Minga afinal é mesmo um cantor.

- Uau! Já desconfiava! Pela expressão e posição do homem! - Disse o pai da Minga

Um sorriso barato passou pelos lábios das crianças enquanto Romeu e Julieta só engoliam saliva e pestanejavam obrigatoriamente.

- Meu caro jovem, você trabalha?

- Sim! Não! Sim, sim mesmo. Eu trabalho. Respondeu Januário o mais rápido possível, de forma a conquistar uma conversa.

- Onde é que você trabalha?

- Eu sou um...

- Papá ele é cantor.

Interveio uma das crianças.

- Se é cantor, então ele vai cantar aqui. Minga vai ligar o gerador ele vai cantar, hoje. Ele afinal é cantor. Então vai cantar aqui!

O senhor queria que o jovem reclamasse, e por isso repetia várias vezes e pensava. "Se esse gajo soltar só uma palavra a me contraria?!... Vou lhe chapiscar. Enquanto Januário estava aos calafrios, as crianças levantaram e endireitaram as orelhas batendo palmas.

Enquanto esperava por uma ou mais reacções de seus espectadores, sucedeu um inesperado episódio. Sentiu que o encosto da cadeira das mãos já não tinha pregos e que o encosto de trás e dos braços já não existiam mais. Percebeu a incapacidade da cadeira em suporta-lo. Não se esqueceu disso mas quase imóvel, ficou gradualmente a acompanhar a caída do encosto, indo para traz. Pensou em si e para si, e em poucos segundos começou a transpirar. Para preservar a vergonha da cadeira ainda não descoberta, posicionou o corpo e os braços como se estivesse sentado e confortado normalmente no encosto. Mas já não havia encosto na cadeira.

Eram as horas mais caras de seu existir, e parecia que já não existiam mais minutos nos relógios do planeta terra. "- Quem me dera estar na lua" Monologava no seu interior.

Não tardou. O seu estado imovel trouxe desespero à cadeira por onde sentava. Rrrrr...cruammm puamm. Finalmente a cadeira de madeira partiu e Januário caiu com as pernas no ar.

- Obaaaa! O amigo da mana também sabe dar mortal.

- Chega de malandrices dentro da minha casa...

"Já não há tempo de despedir." Pensou Januário e se meteu a correr na direcção mais fácil."

Saiu de casa debandado e deparou-se com alguém que não conseguiu reconhecer. Ela assustada com o encontro agitado e inesperado de um jovem que saiu da sua casa a correr, pensou na sua botija de gás, pensou no dinheiro que

estava por baixo da almofada e se lembrou que as suas galinhas e gritou.

- Socorro, socorro, gatuno! Ene vakue, gatuno, as minhas galinhas.

A tia Madó que nada sabia, também saiu e começou a gritar:

- Aiwe, tia Maria, socorro, socorro de galinha!

- Agarra gatuno! Gatuno... gatuno...

- Agarra gatuno!

- Agarra gatuno. Ouvia-se várias vozes, vindas de várias direcções à volta do bairro e já estava escuro.

Os que estavam dentro de casa saíram impacientes e vagarosamente, pensando que fosse mais outro caso de intrusos no bairro, e também começaram a gritar.

- Gatunoooooooo, gatunoooooooo, gatunoooooooo!

O quintal já estava quase cheio e Domingas também saiu de dentro de casa e pensava, onde saiu mais esse gatuno. No meio da multidão tentava reconhecer Januário, mas a noite já era adulta e não se reconhecia mais ninguém pelo rosto, apenas pela voz. Nessa confusão, o vizinho Domingos recebeu a informação da situação mal entendida e apressou-se em aparecer ao quintal com os seus dois cães conhecidos como bobi e laica. A postura dos cães pareciam que estivessem preparados para uma demonstração de combate livre até a morte. O cão mais magro não gostou do trabalho, ficou triste e guardou o rabicho. Mas com a

coragem do outro, olharam-se, como um toque de partida, ladraram e correram para qualquer direcção deixando poeira para trás.

No colo da dona Maria estava uma criança a chuchar, indicou para uma direcção e gaguejou

- Gatuno galinha... está lá...

- **CAPÍTULO [14]** -

...

Na 12ª esquadra policial, na Arimba, os policiais se lembravam das cenas do dia e comentavam a cena do preso que se meteu no assunto da galinha quando o comandante acabava de se recuperar. Comentavam com zombaria e o imitavam.

- Chefe... chefe espera...
- Kia, kia, kia, kia, kia, kia, kia, kia – imitavam o preso e riam-se os policiais.
- Chefe, como é que se soletra a palavra dor?
- Oh, isso é fácil.
- Fala, fala chefe.
- C. H. O. R...

Enquanto um dos policiais imitava o preso, com zombarias, outros se riam ao se lembrar de como decorreram as cenas.

- Mas chefe, a palavras (dor) leva a letra (H)?
- Oh rapaz, escreve só.

O policial agora começou a ditar mais rápido.

- C.H.O.R o preso você já escreveu? Agora escreve a letra (R)?
- R... Sim já chefe, já escrevi CHOR.

O preso tentou ler mas o chefe lhe interrompeu e disse:

- Agora acrescenta lá a letra (A) e depois a letra (R) e depois lê.

Os policiais faziam exactamente como tudo sucedeu. Imitavam também o jeito do preso. O preso duvidou de seus pensamentos, por isso começou a soletrar.

- Cho-ra-r, chorar, cho-rar, chorar. Mas chefe aqui está escrito chorar.

- Leia bem isso pá.

- Cho-rar, chefe eu escrevi chorar.

- Oh, afinal escreveste chorar?

- Sim chefe.

- Se escreveste chorar, então chora.

A palavra chorar rimaram ao mesmo tempo com os chicotes nas mãos do preso, ele chorava e reclamava. Olhava para o que escreveu, soletrava e chorava ao mesmo tempo enquanto os chicotes estalavam nas suas mãos. Ele gritava com choros.

- Eu falei na chefe pra me ensinar escreve (dor), mas a chefe escreveu chorar, agora vê só, estou a chorar mesmo.

Os policiais se riam enquanto imitavam o preso.

- Por favor, chefe não me bate com força.

- Rapaz, esse assunto é de verdade, então tem mesmo que doer e você tem que chorar.

Enquanto os policiais se divertiam, entrou na sala de estar dos policiais um agente de grande patente e disse:

- Eu sempre disse, "quem se mete nos problemas alheios, é como a pessoa que puxa na orelha de um cão que passa pela rua", hoje viram não é... mas pronto, essa noite de hoje será de actuação, de grande patrulha. Que sabe como uma caça...

- **CAPÍTULO [15]** -

...

O inimigo agora é outro - o cão desconfiou

O jovem Chris estava a correr debandando, procurando por qualquer abrigo, mas, o perigo iminente atrás dele parecia ser muito teimoso e não lhe dava qualquer oportunidade para descansar. Caiu no chão várias vezes sem nenhuma oportunidade para descansar. Desta vez a sua perseguição era mais insistente e tinha cara perigosa, passos como de pessoa mas era insistente como uma onça que se vingava da morte de seu filhote.

Por onde Chris curvasse, sua perseguição curvava e se aproximava cada vez mais e mais. Como o piscar de olhos de um animal, as luzes se acendiam e se apagavam regularmente. "Será que são fantasmas ou então hienas impiedosas?" Os pensamentos de Chris estavam dispostos para perguntar, mas inativos para revelar respostas. Em seus pensamentos, dúvidas e medo disputavam no campo da sua mente. De longe as vezes via algumas casas acesas, mas quando se aproximava, aos poucos as luzes se apagavam mas, as luzes atrás dele não paravam de piscar.

De longe as trovoadas piscavam como ameaças, era possível ouvir e saber que na cidade do Lubango estava a chover. A noite e a emoção das nuvens se abraçaram em toda comuna da Arimba. A noite se tornou mais pesada que uma capa molhada carregada de barro. O silêncio e o medo

afastou todas as pessoas das ruas e Chris apenas tentava escapar, mas a luz lhe fugia.

Chris não conseguia falar nada, mas a sua mente e os seus olhos conversavam em todo o momento da perseguição. Ele sabia que as pessoas que lhe perseguiram não tinham nenhuma piedade, olhava várias vezes para o palco dos céus e da terra, em seus pensamentos vinha escrito, "ringue livre, sem árbitro", e sua dúvida crescia mais, "mas por que eles me perseguem?" Podia fugir, ou mesmo escapar da sua perseguição por um instante, mas das dúvidas não conseguia se livrar e nem mesmo do seu medo.

As dúvidas afundavam todas as esperanças de escapar e por isso ressuscitavam outros perigos. Mas nas ruas o silêncio crescia, como crescem as caladas ervas por baixo das águas caladas, e vestidas de negro, somente era ele e o barulho do seu respirar. O medo não parava de espreitalo.

Seus olhos estavam repletos de sono e seu corpo pedia descanso. Olhou para os céus para pedir ajuda, e no seu coração recebeu a resposta, "meu filho corre, estou contigo". Suas roupas pesavam no corpo, sentia-se fresco por fora mas quente por dentro. Subiu um pequeno monte de areia, olhou para trás e algumas palavras foram soltas de sua boca.

- Não aguento mais, calor. Mas em seu pensamento ouviu o frio a responder" eu sou o frio, ainda estou aqui".

Não parou dois minutos, mas percebeu que desta vez o perigo estava mais próximo. "Não consigo ver, vou morrer", pensou ele. Olhou e percebeu que estava próximo de umas

casas e começou a correr entre as casas para escapar da mira do seu inimigo.

Numa das ruas, estava um casal de namorados, mergulhados em seus amores, emocionados por casamento em seus planos.

Talito estava na frente e puxava Sandra Morgado para um lugar mais confortável e com um panorama da cidade. Abraçados em seus pensamentos, o casal convidou a natureza para a festa, e com prontidão o luar se apressou a se apresentar. No Lubango a chuva já tinha cessado mas calculando, a emoção da chuva, ela ainda assim se limitou entre as montanhas e cessava aos poucos. Os trovões pareciam insistir mas o luar rasgava as poucas nuvens e clareava com um brilho de amor e amizade. A noite começou a ganhar vida com a presença do luar.

Talito e Sandra sentaram-se num passeio com encosto de parede de casa, como a noite e o luar, eles sorriam sem falar nada um para o outro e se amavam. Enquanto olhavam para o luar que aos poucos ganhava espaço, por sua vez, o luar olhava para eles com emoção e sentia ciúmes do casal. Talito sorriu para si mesmo e começou a falar para Sandra.

- Amor, você sabia que um dia o sol parou?
- Claro que isso eu sei. – Respondeu Sandra. Eu sei que o sol parou quando Josué tinha uma grande luta, isso está na bíblia.

- Uau! Você sabe muito de bíblia, por que não pensaste em ser uma freira?

- Pensei. Estava ansiosa para ir mas, no mesmo ano que pensei nisso, a minha tia me pediu que eu fosse só no ano seguinte.

- Porquê?

- Eu era a única moça em casa, mas no ano seguinte a minha prima estaria de volta a casa e só aí eu estaria livre. Ela estava a fazer o curso de enfermagem e como sabes, algumas vezes ela tinha que ir ao curso de manhã e de tarde.

- E depois... ?

- E depois...

- E... ?

- E... você apareceu e me apresentou um plano familiar e...

Talito pegou nas mãos de Sandra.

- E... ?

Mas Sandra se virou e se desligou das mãos de Talito.

- E eu me apaixonei pelo seu projecto e aqui estou.

- Sabe Sandra, eu nunca tive tanta saudade da vida, mas agora eu sinto saudade do futuro, como se fosse ontem. Sandra, obrigado por aceitar a partilhar o meu amor com você.

Sandra olhava para Talito com muita emoção, mas não parava de pensar em casa.

- Sandra, escuta bem o que eu vou te falar, eu amo você mais do que você pode imaginar, vou casar com você, mas você está proibida de morrer antes de mim, porque eu não suportaria isso.

- Tche! Vai falar isso lá longe.

- Considere isso, eu amo você.

Talito e Sandra conversavam com muito amor, e o luar se aproximava da noite como um convidado de honra.

O cão de Sandra estava a passear perto deles com o rabicho levantado, mostrando firmeza e segurança na área. Ambos olharam para o cão e tiveram pensamentos diferentes, mas se abraçaram em seus pensamentos. Talito pegou no queixo de Sandra e disse.

- Algum dia eu vou te beijar.

- Sério?

- Sim! Se algum dia o sol parou por um motivo, eu te juro que nesse dia ninguém vai nos parar.

- Eu me lembro, e tu te vais... nem mesmo hoje? - Perguntou Sandra.

- Se o sol não parou, por que deveria eu parar? Nem que viesse um leão ciumento, eu não paro!

- Falando em sol, não sei se é porque eu estava com muito trabalho, mas hoje parece que o sol correu muito. - Sério?! – Interrogou Talito.

- É sério, parece que o sol se apressou a chegar. Eu me apressava para ganhar mais tempo, mas hoje o sol não parou por nada.

Talito começou a rir-se, tirou o seu celular do bolso e em seguida começou a falar com muita calma.

- Todos nós temos tempo, mas nem todos sabem gerir o mesmo tempo de igual modo.

- É verdade, por isso que temos que ir já, por favor.

- Mas...

- Vamos, não posso ficar fora de casa esse tempo todo, vamos olha a hora.

- Não faz isso...

- Não é meu costume ficar fora de casa essas horas, na verdade eu só saí para te dar isto.

Sandra tirou do bolso do seu casaco uma cartinha e o deu para Talito, e depois pegou nas mãos de Talito e começou a puxá-lo e falava, "vamos". Mas Talito se travava e dizia.

- Espere, por favor, espere.

- Se descobrirem que não estou em casa a essa hora...

Mas Talito fingiu não ter ouvido Sandra, pegou na sua viola, e com os dedos na guitarra fixou seus olhos nos céus e sentiu saudade de Sandra mesmo estando ela ao seu lado. Começou a sorrir com os dedos na viola enquanto seguia com a sua voz.

- Dó, ré, mi, fá, só, lá, mi, dooooooooooooo.
- Pare com isso!
- E por que? Você nem me deu um beijo.

Sandra se esforçou a dar um sorriso, meteu as mãos nos bolsos do casaco, olhou para os céus fixamente e pensou, "eu vou embora", mas o luar e a clareza pintada sobre a luz, formaram um pequeno espectáculo e lhe atraiu por um instante. Enquanto se virava devagar para voltar a olhar para Talito, ainda com os olhos no ar, começou a falar.

- Você sabe que ainda não podemos nos beijar, ainda mais a essa hora do dia, é como um atentado em Paris, sabe? Vamos.

Ela acabou por se virar e olhou para Talito a sussurrar umas palavrinhas.

- ... eu... amo muito... e sem receio... decisão... hoje falei com a minha tia... nosso namoro...
- Não. – Gritou Sandra. Não era para ler aqui, não gostei.
- Desculpa!
- Agora me leve para casa.

- Está bem.
- Vamos

Sandra começou a caminhar e tão logo que olhou para trás, Talito lhe perguntou:

- Que horas são?
- Hummm
- Ok, só estava a acabar de ler. Mas diga que horas são?
- São 20h45m – respondeu Sandra.
- Como você sabe que são 20h45m?
- Eu vi no meu relógio de pulso.
- Você sabe quanto tempo a terra leva para completar a sua rotação ao seu eixo de 360°?

Com pressa Sandra respondeu.

- É claro que sei, leva 24horas para fazer isso aí que você falou.
- Isso quer dizer que?...
- Que o dia tem 24 horas pontualmente.

Talito abriu seus olhos ao máximo como se fossem de um camião e depois disse:

- Tem menos, o dia tem menos de 24horas.
- O que é isso, já estás a começar com essas, não é? Só porque da vez passada você me ganhou quando eu

disse que para saudar alguém em inglês de noite, tinha que ser good nighth, e você disse que o certo é good evening... Não vou acreditar. O dia tem mesmo 24 horas e é isso mesmo.

- Minha namorada se chama Sandra, mas tecnicamente ela acabou de errar na minha frente.

Sandra abanou a cabeça com gesto de negação, olhou para o seu relógio de pulso novamente, olhou para todas as direcções e viu o seu cão a rebolar-se no chão muito animado e depois disse.

- Ainda olha para o meu cachorro, também ele não aceitaria isso. E ele está cansado de ficar aqui e já quer ir embora.

- Depende.

- Esse cão é muito corajoso e já me defendeu muitas vezes. Mas falando sério, não vais me dizer que isso é verdade, não é?

- A verdade é essa, o dia tem menos de 24 horas, dois pontos, parágrafo, - o dia... tem... vinte... e três... horas... e... cinquenta... e seis... minutos.

Sandra abanou a cabeça, e em seus pensamentos disse "estudar muito afinal faz mesmo mal". Mas não disse nada, apenas abanou a cabeça. Mas Talito continuou a falar:

- Esse intervalo de tempo é considerado e chamado como "tempo sideral".

Com as mãos cruzadas, Sandra olhava para Talito e abanava a cabeça desaprovando tudo, mas por outro lado, estava atenta e interessada no tema. Na sua mente, as dúvidas se misturavam com a emoção. Mas na mente de Talito as letras se misturavam e faziam grandes ritmos musicais, como dedos numa viola. Sandra ouvia e pensava ao mesmo tempo, "mas esse homem quer ser cientista, filósofo, professor ou engenheiro informático? Ela começou a monologar e por fim disse de forma descontrolada:

- Eu não sei.

Mas Talito continuava a falar:

- A terra se move a volta do sol, fazendo um eixo de 360°. Agora fica atenta, a terra se move 1 eixo a mais para não escapar da sua rota normal a volta do sol, isto é, para que ela volte para a mesma direcção, que para nós é a mesma direcção que controlamos o sol. Esse processo é que garante que a terra não escape da rotação normal do sol.

- Quer dizer que se a terra escapasse dessa rotação, ela se afastaria da sua caminhada normal e poderíamos nunca mais ver o sol nascer o ficaríamos em plena escuridão?

- Isso mesmo.

Sandra abanou a cabeça como gesto de aprovação e com os olhos mostrou interesse no tema. De longe o cachorro de Sandra parou de brincar e começou a olhar para uma única direcção e mostrava-se bastante preocupada.

Mas Talito com os olhos em Sandra, tirou a sua viola das suas costas e sentou no passeio de uma casa.

- Então o dia tem quantas horas? – Perguntou Sandra.

- A terra gira em seu círculo de 361º graus, e isso leva menos de 24 horas, mas nós estamos acostumados a controlar ou a contar o dia a partir do sol que leva 24 horas. Por isso, dizemos que o dia tem 24 horas.

- Então não é mesmo isso? – Perguntou Sandra.

- Bem, nós nos acostumamos a contar o dia pela medida mais longa, que é do dia solar, isto é, controlamos o sol para estudar as horas.

- Vamos para casa. – Disse Sandra.

Sandra disse vamos para casa, mas em seus pensamentos queria saber como se mete o tempo, ou como se podia contar de outra forma tirando o sol, mas para ela, estar fora de casa de noite lhe incomodava.

- Um ano sideral tem 366 dias, lembre-se que eu disse que o dia tem menos de 24 horas, ou melhor, tem vinte e três horas e cinquenta e seis minutos. Agora traz aqueles segundinhos e os acúmulos e verá que um ano solar tem 365 dias.

- Estou confusa. – Disse Sandra.

- Bem, o segredo está em saber qual corpo celestial vamos usar como referência para estudar o passar do tempo, que são horas.

Sandra percebeu que se passava algo estranho com o seu cão, por isso olhou rapidamente para ele e, viu que o cão estava olhando para uma certa direcção e estava muito firme e com o rabicho levantado e orelhas em posição de escuta activa. Percebeu também que o cão dava passos de prevenção para frente e desconfiou de um perigo. Mas uma emoção da aula a distraiu e voltou para seus olhos para Talito e pensou, "ah deve ser coisas de cães". Mas Talito continuou a explicar assim:

- Tudo na abóbada celeste tem um grande propósito, e tudo funciona para dar sentido à existência. Os dias e as horas não estão fora do sistema do movimento de rotação dos 360°. Ainda digo que, o dia não leva somente 24 horas, mas sim, 23 horas e cerca de 56 minutos. Na verdade a diferença que existe é mínima entre o dia sideral e o dia solar - o dia sideral toma ou nós tomamos como referência para estudar o tempo. Uma estrela fixa, enquanto para o dia sideral que estamos acostumados a contar, usamos o sol como ponto de referência.

- Mas como acertar a minha hora ou meu relógio para que eu tenha hora certa?

- Não podes ter hora certa, mas pontual, que é do seu país.

Talito tirou do seu bolso uma barra de chocolate e disse.

- No final dessa aula esse chocolate será teu.

- Uh!

Sandra Morgado bateu palmas e se animou muito.

- Para entender melhor, imagine que você escolhesse uma estrela qualquer no céu e vai observá-la ao longo de todo o tempo, poderás concluir que ela estará no seu ponto inicial, onde começaste a observá-la, veras que levaria 24h56m e 4 segundos para voltar à mesma posição inicial, isso é a duração de um dia sideral. Já o dia solar, é o que estamos acostumados a contar isto é 24h, estudo feito no movimento do sol nos céus.

Sandra Morgado começou a sorrir animada, e se animava com o muito conhecimento por parte de Talito. E no seu coração exclamou, "Talito Talito!" Ela percebeu a explicação e depois pensou, estudo feito, "Estudo feito através do sol?", estrela = igual a tempo sideral... mas não é possível ver ou estudar uma estrela de noite sem o luar - "pensava Sandra Morgado". Contudo perguntou:

- E quanto à lua, o que você sabe?

Talito sorriu com muito conhecimento e em seguida começou a falar.

- Para começar, a lua também realiza movimento de rotação, mas ela leva menos tempo para finalizá-lo, isto é, leva 27 dias e 7 horas.

- Não, não, pensei bem. Pare!

- Porquê?

- Quando se fala de lua, luar e ainda por cima agora tem luar, e ainda é noite, eu começo a pensar em certas mitologias...

- É mesmo! Não tenhas medo, eu estou aqui e o meu cão é digno de confiança. – Disse Talito. Mas falando de lua, é um dos satélites naturais que orbita na terra. A palavra lua é originada do latim, por causa da Luna, uma deusa encontrada tanto na mitologia grega quanto na mitologia romana...

Enquanto Talito falava, de repente o cão ladrou de forma assustadora.

- Wu, wu, wu

Os dois se assustaram e sentiram um calafrio no corpo.

- Wu, wu!

O cão de Sandra Morgado começou a recuar e guardou o seu rabicho entre as pernas. Talito se levantou e segundo a preocupação de Sandra, agora queria ir. Endireitou a sua viola sobre as costas, e piscou os olhos com grande preocupação. Talito olhou para todas as direcções para tentar alcançar um socorro ou apoio do seu medo. Mas a luz do lua não era suficiente para dar vida plena à terra ou pelo menos para ressuscitar a noite morta. Enquanto isso, Sandra olhou para os céus, e alcançou a lua e se lembrou das suas quatro fases e começou a monologar baixinho, mexendo bem devagar os lábios, "lua nova, quarto crescente, quarto minguante, lua cheia."

- Lua cheia! – Disse Sandra – É perigoso, devem ser hienas elas normalmente caçam quando tem luar...

- Não, não são hienas!

Sandra pensou no seu cão e procurou alcançá-lo, mas o seu medo aumentou quando ela percebeu que o seu cão se mijou de medo. Mas ainda corajosa, seus pés estavam firmes e olhava para direcção do perigo. Com a sua mão esquerda, tentava alcançar as mãos de Talito mas, sem olhar para ele. Nesse momento o medo aumentou...

- Wu, wu. – O cão ladrou baixinho e parecia já sem forças. Estava na frente do perigo, a sua dona, Sandra estava atrás do seu cão mas em profundo silêncio, temor e terror sem definição. O cão pensou ladrar de novo, mas de tanto medo, em vez de ladrar, o cão tentou engolir saliva e, se engasgou. Com o rabicho escondido entre as pernas, os pelos do cão de Sandra levantaram. O cão tentava por tudo ver o que era tal coisa, mas não conseguia ver nada. O cão começou a pensar, "eu sou um cão, mas nunca sofri de visão, então como é que não estou a conseguir ver bem isso na minha frente?" De repente o cão ouviu um barulho como de rugir de um animal chefe, o cão em seus pensamentos exclamou, "está amarrado", pensou o cão, e o mesmo desconfiou que a sua dona (Sandra) estava a lhe trair. Nessa desconfiança, decidiu fugir, e passou pela sua dona a correr. O cão fugiu o perigo e deixou a sua dona para trás e nem sequer avisou a sua dona.

- Não... - Heeeeeeeeeee...

- Não, não!

Talito e Sandra tentavam se guardar do perigo, se arrastando contra uma parede para encontrar uma porta.

Sandra queria imaginar que era um sonho e rezava que alguém lhe mexesse para despertar do sono, mas a realidade estava sobre todos os sentidos, sentia, ouvia, pensava, e se arrependia por estar fora de casa nessa hora e por isso, uma lágrima escorreu bem devagar sobre o seu rosto. A lágrima era grossa e uma luz cruzou o seu rosto e, como um reflexo sobre a lágrima, seu rosto brilhou.

Nas costas de Talito, a viola perdeu peso, as palavras na mente, e na ponta da eloquência estavam distorcidas. Eram muitas palavras mas não conseguia falar nenhuma.

- **CAPÍTULO [16]** -

...

Vou te educar

O silêncio dominou todo o bairro. Uns estavam em silêncio porque estavam em horas célebres de jantar, outros simplesmente estavam cansados de tanto esperar o jantar que demorava desde que o sol se pôs. Olhavam a toda hora para o fogareiro e espreitavam na panela, mas nada, então ficavam ainda mais em elevado silêncio. Em muitas salas e cozinhas, ao mesmo tempo, crianças e homens estavam cansados de tanto esperar a comida e por isso cochichavam, "oko! comida que fica no fogo durante três horas e 20m, nunca vi, oko". Os filhos olhavam para seus pais, e com os olhos pediam que o pai ajudasse a mãe a resolver o problema, soprando no fogareiro para arder mais rápido, mas os pais aborrecidos, só olhavam nas chapas enquanto a barriga reclamava fazendo certo barulho, barulho de fome.

- Oko, nunca coze?!

Nesse calar de palavras e no silêncio profundo de muitos pensamentos, o silêncio ainda liderava em toda comuna. O silêncio se tornou perigoso na mente de Talito e Sandra. Com as mãos nos bolsos do casaco de Talito, Sandra puxava-o e no seu interior tentava falar com ele e gritava baixinho, " Talito vamos correr". Sem expressarem palavras, os dois davam passos para trás e se afastavam desse perigo desconhecido. Sem perceberem, chegaram a um portão que estava semi-aberto. Caminhando para trás e sem

perceberem, os dois caíram e entraram no quintal. Talito se levantou mais rápido para se sacudir a poeira e ver como estava Sandra. Sem perceber, afinal tinha caído por cima de uma casinha de chapa, onde dormia um cão que, por azar já estava muito aborrecido com a dívida do jantar que seus patrões não resolviam, e, por isso o cão que ali tentava dormir, de repente se assustou porque Talito caiu por cima dele. Esse cão cansado de esperar o jantar, estava com muita raiva e tentava dormir porque pensava que não teria mais jantar, mas de repente se assustou com o barulho das chapas e o cão gritou uma vez por socorro aos seus donos. Mas de repente o cão que estava assustado viu duas pessoas e pensou, "seus malandros, não é hora de namorar; ó homem hoje eu vou te educar". O cão se lançou para atacar Talito e ele pulava tentando irar das costas a viola para bater no cão.

- Wu, wu, wu...

- Sai, sai, sai...

Talito pensou em gritar mais alto para que os donos do cão ouvissem e viessem lhe socorrer. Mas de repente, o vizinho mais próximo dessa casa, meteu uma música em volume muito alto e para além do volume alto da música, o vizinho também começou a cantar uma música de Luck Dube, em inglês e gritava tentando adivinhar a letra...
Ministers of religion

Have visited me many times

To talk about it

They say to me

*I gotta leave it
I gotta leave it
It's a bad habit
For a man
But when I try to leave it
My friends keep telling me
I'm a fool amongst fools
Now I'm a slave, a slave
I'm a slave
I'm a liquor
I'm a slave, a slave, slave
I'm a slave, just a liquor*

Enquanto Talito gritava por socorro, o senhor Manuel Chimuco gritava cantando a música, o que abafou o grito de socorro de Talito.

- Chimuco, ó Chimuco meu marido por favor baixe o volume dessa música!

A música tocava alto e o senhor Chimuco cantava alto, enquanto sua mulher gritava, mas ele não ouvia. Os filhos não entendiam nada, mas em suas memórias gravavam a melodia da música, mas também choravam por uma vida de problemas que seu pai mostrava, sempre que bebesse. Mas

o que eles não sabiam, é que a música era para ele, como um grito de socorro, por isso, gritava, que estava a tentar deixar essa vida, mas clamava e ninguém o ajudava. Por isso cantava.

Now I'm a slave, a slave

I'm a slave

I'm a liquor

I'm a slave, a slave, slave

I'm a slave, just a liquor

- É o que? É o que... minha mulher eu te amo.
- Wu, wu, wu, wu.
- Sai, sai, sai.
- O que é minha mulher?
- A música... o volume!

O senhor Chimuco fez um gesto de calma e continuou a cantar, de pé, enquanto se lembrava de muitas vidas por ele mesmo vivida. Mas também pedia que alguém lhe entendesse, mas ninguém o ajudava. Por isso em seus pensamentos dizia, "eu quero deixar de beber, mas os meus amigos dizem que eu sou um tolo. Mas a minha mulher e as pessoas me dizem que deve deixar... então eu sou um escravo". Por isso, lágrimas rolavam de seu rosto, mas mesmo assim, ninguém lhe entendia. "Eu perdi a minha dignidade, quero deixar, mas as mesmas pessoas que me

desprezam me dizem não pare de beber... dizem, quando você bebe é o máximo. Eu sou um prisioneiro". O senhor Chimuco discutia consigo mesmo em seus pensamentos. E até mesmo a sua alma ficava triste. Pois clamava por intermédio dessa música. I,m slave, mas não lhe entendiam.

O barulho da música e o cantar desenquadrado do vizinho, abafou o grito de socorro de Talito e, por isso, o cão dava o seu show. Mas ele gritava em várias línguas para ver se o cão lhe ouvisse, mas o cão...

- Wu, wu, wu... Wu, wu, wu... Wu, wu, wu...

- Tchinguaim, sai... sai... sai...

- Wu, wu, wu...

- Cão, sai...

- Wu, wu, wu...

- Mbuluvulu, sai.

- Wu, wu, wu...

- Ene vakue, sai.

- Wu, wu, wu...

- Tchapalama, sai, ene, sai... tha-pa-la-ma, sai...

- Wu, wu, wu, wu, wu, wu...

- Tchukússulile, sai, nani hõue sai...

O cão dominava toda situação e aproveitava a ensaiar suas técnicas caninas de quando era aluno na escola de

ladrar. Por sua vez, Sandra dançava ao lado, mas com medo, não conseguia sair do lugar, apenas tremia.

- Dog - sai, kaua sai, mbuluvulu, katali sai...

- Wu, wu, wu...

- Katali sai, ene vakue sai...

O cão era insistente, mas não o mordia. Em seus pensamentos o cão dizia, "vou te educar", ele ensaiava suas técnicas de ataques e prevenção, enquanto Talito dançava e pulava com gritos e amaldiçoava o cão em várias línguas.

Como uma conversa de muitos pensamentos, o cão reconheceu Talito e pensava, "não és tu que naquele dia me atiraste pedra... Hoje vou te educar... Vou te depilar, determinou o cão". Wu, wu, wu...

- Sai... katali sai, ombua saaaaaai.

Talito viu uma oportunidade e começou a correr o máximo que podia. O cão lhe perseguia e estava bem atrás dele e ladrava insistente. Sandra estava a correr atrás do cão, enquanto o cão corria atrás de Talito. Talito corria e tentava desviar-se do cão pelos becos do bairro, mas o cão conhecia bem todos os becos do bairro e não se despistava do seu alvo. O cabo da viola nas costas de Talito rebentou e caiu, mas ele não parou. Sandra corria desorientada, mas em um beco a noite lhes pareceu.

Enquanto Talito corria, de longe viu uma pequena cantina com cadeiras espalhadas como num bar com esplanada, acelerou mais um pouco seus passos e se

meteu no meio deles e os homens que ele encontrou, também começaram a correr e gritavam.

- Cão com raiva, cão com raiva...

Todos se espalharam. Alguns jovens corriam na mesma direcção também tomada por Talito. O cão os seguia com muita fúria, para se livrar do problema, Talito corria mais rápido e estava na frente de todos. Era noite vestida de escuridão mas o cão reconhecia Talito, ultrapassou todos os jovens, não mordeu nenhum deles, e só corria atrás de Talito e ladrava com muita raiva, enquanto os jovens desorientados corriam,mas desta vez corriam atrás do cão irresolutos, e o cão corria atrás de Talito.

Depois de 45 minutos, Sandra chegou até a janela aberta onde os jovens saíram a correr, cansada e quase sem fôlego, apoiou-se numa das cadeiras e ganhava forças. Sem palavras, Sandra chorava desesperada e não conseguia falar nada. O dono da cantina saiu apressado e tentava falar com Sandra.

- Sandra minha filha, o que se passa?

- Eu... eu... - Sandra tentava falar mas não tinha fôlego para falar. - É que...

Sandra tentava falar, mas também pensava, "se eu falar que estava por aí, a essa hora da noite, com um moço, estou acabada...", por isso aproveitava a chorar para ganhar mais tempo. Mas o senhor perguntou:

- O papá está em casa?

Sandra ao ouvir essa pergunta, ficou gelada e as palavras acabaram nos olhos. Mas ainda assim se esforçava para chorar... Mas nada. De repente, todos viram o cão a passar, e resmungava.

- Uuu, wu... wu uhuuu...

Todos olhavam para o cão admirados, e em poucos minutos o local ficou cheio de pessoas. E alguém disse:

- Ene, esse cão morde.

Muitos comentários tomaram conta do lugar e cada um dizia algo que deixava Sandra ainda mais preocupada, mas alguns começaram a consolá-la.

- Uh, olumana mwele.

- Sim, esse cão olumana.

- Ó minha filha, vai já para casa.

De repente os jovens que estavam na janela aberta, começaram a chegar a correr e com muita graça comentavam a situação.

- Ó Hossi, eu nunca vi isso!

- É verdade, eu também não, todos nós estávamos a fugir o cão, mas aquele cão só queria aquele wi.

- Kia kia kia, o cão passou pelo nosso meio, nem nos mordeu e só queria morder o wi.

- Kia Kia kia kia, ai vida!

Sandra ao ouvir isso, sentiu que podia expressar a sua preocupação, querendo perguntar a respeito desse jovem, mas como falar. De forma discreta, olhava para todas as direcções tentando alcançá-lo, mas nada. "Será que ele voltou para me procurar lá?" Pensava Sandra. "Onde deve estar?"

Mas quando ela menos esperava, um jovem chegou em passos apressados ao meio da multidão e respirava fundo, e até a língua estava quase toda fora e seca, e ele estava todo molhado de tanto transpirar, e se apoiou no seu próprio joelho e tentava falar.

- ...Esse... óh!... Esse cão...

Em seus pensamentos, Talito queria perguntar sobre Sandra, mas preferiu procurá-la com os olhos no meio da multidão. Mas nesse exacto momento, os jovens reconheceram Talito e gritaram:

- Esse é o wi do cão.

Rasgaram suas vozes em grandes gargalhadas e sentaram-se no chão de tanto se rir e as lágrimas molharam o chão. Mas no meio da multidão, Talito e Sandra acabaram de se encontrar e em seus pensamentos se reconheceram e se abraçaram à distância. De repente uma mota acendia seus faros de longe, chegou e depois parou bem perto da multidão. Alguém desceu da mota, e o motoqueiro parou um instante para saber o que se passava. Enquanto isso, Talito e Sandra se despediram e assim que Talito se levantou para ir ter com o motoqueiro, o motoqueiro também estava para ir, e ele ainda teve que correr mais um pouco e gritá-lo. Os

jovens que se riam de Talito, no chão só se riam e não se aguentavam.

- Por favor, quero ir até a Macon do Chioko. – Disse Talito ao motoqueiro.

- Até a Macon do Chioko?! – Exclamou o motoqueiro.

- Sim. – Respondeu Talito.

- Não, meu cota na Santa a essa hora eu não vou.

- Mas...

- Meu cota lá essa hora eu não vou porque terei que manobrar no corredor, e lá a essa hora é muito perigoso. São quase 22 horas.

- Bem... éh...

O motoqueiro tentou arrancar a mota, mas Talito gritou.

- Espere, espere. Então me deixe na curva do Rombate, e lá você pode voltar.

- Mesmo assim, lá essa hora não vai dar. Nós que estamos na Arimba...

- Por favor.

- Não vai dar.

Talito meteu a mão no bolso e tirou uma mota de 2.000 kwanzas e meteu nas mãos do motoqueiro. O motoqueiro

olhou para o dinheiro na sua mão, olhou para Talito, tirou do bolso o seu telefone, viu a hora e disse baixinho:

- 21 horas e 56 minutos.

Começou a abanar a cabeça bem devagar enquanto calculava a distância que tinha que percorrer. Olhou para trás e viu que no meio da multidão vinha alguém, e quando se aproximou, reconheceu Sandra e ela disse:

- Não tem problema Cayoya, podes lhe levar à vontade, eu lhe conheço.

Talito continuava a olhar para o motoqueiro com olhos de súplica. Sem falar nada, o motoqueiro fez um sinal com a cabeça para que Talito subisse. Talito subiu na mota, o motoqueiro arrancou e foram para uma direcção buscando entrar na estrada principal de asfalto.

Talito olhava toda hora para trás e sabia que deixava para trás Sandra e a sua viola. Sandra ainda ficou ali olhando para essa direcção, pensativa enquanto a mota se afastava e entrava na escuridão, até que a luz da mota se perdeu na noite.

- **CAPÍTULO [17]** -

...

Muitas luzes começaram a acender-se e o jovem Chris não sabia onde se encontrava. Não encontrava pelo menos um esconderijo, e nem sequer conseguia ter um minuto para descansar. Mas o que ele não sabia, era que estava a fugir de seu próprio socorro. Mas o pior de tudo era que não sabia qual era o seu verdadeiro inimigo. Por isso, se afastava de tudo que quisesse se aproximar dele.

Uma outra equipa se aproximava, mas ele não entendia nada e quando tentou entender, de repente recebeu uma grande queda que suspendeu todo seu corpo. No ar, Chris visitou o céu com os seus pensamentos, olhou para as estrelas e quando a luz do luar tentou alcançar seus olhos, ele se espatifou no chão. Ficou uns segundinhos aí como desmaiado, e mesmo inconsciente, tentava pensar, que tipo de queda foi essa que me desequilibrou? Mas não permitiu que completasse um minuto no chão. Abriu os olhos e ouviu uma voz de autoridade e firme que falou com ele.

- Parado!

O jovem Chris tentava reconhecer alguém entre muitas vozes que ouvia, mas as luzes lhe dificultavam. Via que pareciam pessoas que estavam em movimento, estava com certeza que esses homens, se são mesmo pessoas tinham posições firmes e determinadas, mas o que ele não entendia, é que todos estavam vestidos de preto. Então uma dúvida lhe nasceu em pensamentos. - "Será que são mesmo

peessoas?" De preto, com mascaras?! Olhou para o seu lado esquerdo e viu que alguém se aproximava, e seus passos eram como de comando e depois falou:

- Tira tudo que tens aí e se ajoelhe, agora!

- Ajoelhar?!

O homem que se aproximava de Chris dava passos firmes e era alto e forte e estava vestido de autoridade. Chris desde a primeira hora, aprendeu a desconfiar de tudo e de todos, fingiu estar distraído e formou uma posição de distração e, atacou o homem, com um ataque surpresa próprio de artes marciais. Mas esse homem alto e vestido de autoridade, entendia essa ciência de artes e, como um torneio em altas horas, um combate começou e quedas raras eram registadas em plena noite. Sem árbitro, os dois homens se mostravam aptos para se enfrentar e, ambos certificavam-se de que eram resistentes e aptos para não desistir, mestres de variadas artes marciais.

O jovem Chris não sabia que eram policiais, que estavam à sua procura, cuja missão era resgata-lo do perigo da noite. O chefe da polícia e o jovem Chris se enfrentavam na frente de outros policiais. Para eles não parecia estar em plena realidade, mas também não era mentira, era tudo real.

O jovem Chris tinha técnicas altamente perigosas, capazes de prender ou desequilibrar qualquer adversário mas, o policial cujo Chris enfrentava, provou entre várias técnicas, a arte marcial capaz de contrariar qualquer ataque de qualquer adversário.

Outros policiais não conseguiam actuar, pois, os dois em acção, se moviam para todos os lados se ajustando e desenhando técnicas raras e muitas delas nunca vistas por outros policiais, senão pelos dois homens em acção. Mas esses policiais, de um ou de outro jeito queriam terminar com esse torneio, por isso, um deles se aproximou, tirou a sua pistola e queria fazer um tiro, mas se lembrou da ordem máxima do seu chefe, "não deixem rastos", meteu a pistola na bainha e voltou a tomar outra decisão. E gritou:

- Aqui é a polícia!

"- Não, não, agora vou preso, lutei com um polícia!", Chris exclamou em seus pensamentos.

Mas mesmo reclamando em seus pensamentos, os dois ainda cruzavam-se em técnicas e quando se afastaram, o jovem Chris não deu um segundo, se meteu logo a correr com velocidade de medo. De longe ouviu algumas palavras soltas, mas não teve certeza do que ouviu por isso, não parou.

- Jo-vem-volta-aqui-nós-vamos-te-pro....

Chris queria ter certeza do que ouviu, mas com a velocidade e o medo da polícia, mais o barulho do vento formado pela sua velocidade, as palavras do polícia se abafaram nalgumas palavras e por fim duvidou dos seus ouvidos e correu.



- **CAPÍTULO [18]** -

...

Com a chegada do luar, a noite estava pintada de várias lembranças como nas aldeias à volta da fogueira, onde os mais velhos contavam histórias e as criancinhas brincavam de esconde-esconde. Mas para Bento só lhe restava saudade da terra do berço, agora em época nupcial, olha somente para direcção da vida que terá como casado.

- Sabe – disse ele para Jonh seu amigo. – Nem imagina o quanto esperei para eu me casar. Realmente eu amo a minha namorada, eu vivo como se os meus olhos estivessem pintados de saudades de um futuro ao lado dela.

John somente estava em silêncio, mas se alegrava pela felicidade do seu amigo, pela hospitalidade da sua presença.

- Eu estou profundamente grato por vires de tão longe para participar na minha festa de alegria e felicidade.

John pegou no ombro de Bento e disse:

- Você é muito mais que um amigo.

Na varanda da casa do Bento, John esticou as pernas e meteu-as por cima da mesa e disse:

- Devo estar à vontade, pois daqui a algumas horas, essa casa terá dona e seremos convidados a ter limites porque a casa terá outra direcção: direcção de respeito e responsabilidade.

- O que é isso, John você é meu amigo e sempre estará à vontade na minha casa.

- Tão certo como o sol brilha. Disse John - assim mesmo, o respeito por uma criança deve-se aos mais velhos que lhe criaram.

Bento ficou emocionado com as palavras que ouviu, e um silêncio visitou a atenção dos dois. A varanda era aberta e sem gradeamentos, por isso conseguiam ver tudo, mas nessa hora da noite, só viam estrelas e objectos inertes que formavam ruas. O bairro estava calmo, mas eles, como um dia de despedidas, conversavam como amigos que se despediam para uma grande missão de guerra num país distante da família. De longe ouviram um barulho como de passos apressados e logo perceberam que o barulho estava bem na frente deles. John e Bento estavam na varanda, por isso não estavam tão visíveis para que qualquer um que passasse lhes visse. Mas de olhos bem abertos duvidaram do que acabaram de ver. Era sim um homem cujas mãos estavam ocupadas com duas galinhas. Não houve muita presa nos pés de Bento, por isso se levantou bem devagar e piscava os olhos de admiração, mas John permanecia sentado e em silêncio. O jovem que levava as galinhas, escorregou e quase caiu e até olhou para a varanda, mas não conseguiu ver ninguém. Se levantou e correu com velocidade de medo e até a poeira não teve tempo de lhe perseguir.

- Gatuno! – Gritou Bento, enquanto convidava John com os olhos para perseguir o gatuno... - Gatuno, vamos atrás dele.

José John se levantou com seriedade e se enfureceu devido à atitude de Bento seu amigo, e o nariz de Bento começou a transpirar de medo.

- Escuta-me – disse John – Você vai se casar dia 07 de Dezembro, e já é daqui a dois dias, você não sabe quem é esse homem, nem se realmente essas galinhas ele roubou ou não.

Bento abanou a cabeça e se abaixou para sentar. John largou-o mas John ainda disse:

- Você preparou suas roupas, pastores e a igreja e tudo já está preparado, os bolos e a mente dos convidados... está tudo preparado, se você tiver um acidente ou perseguir qualquer um e deparar-se com a morte hoje, para quem serão as coisas que você preparou? Cuida da tua vida... e saiba que, o segredo para se ter uma vida longa, é tentar não encurta-la.

- Foi mau... - Disse Bento – Como hoje ouvi que na casa de uma vizinha roubaram lá galinha...

- Quem se mete nos problemas alheios, é como alguém que puxar na orelha de um cão que passa pela rua. – disse John.

Depois de um silêncio e reflexão dos dois, tudo parecia estar calmo e verdadeiramente em silêncio, mas na verdade as coisas não estavam paradas. Bem nos olhos dos dois homens, altamente pintados de perseguições ou de resgate estavam em todos os lugares homens desenhando seus passos, todos fardados de preto. O polícia de técnicas e táticas especiais estava pesquisando todo caminho, mas

mesmo no escuro da varanda, Bento e John foram vistos e por isso, os policiais chegaram a eles e lhes questionavam.

- Antes que vos perguntemos, digam, têm uma coisa para nos contar?

- Nós...

- Não tenham medo...

Bento e John foram interrogados e testemunharam tudo. Mas mesmo assim, os agentes da polícia pediram seus bilhetes de Identidade e lhes tiraram algumas fotografias.

- São 22 horas e 57 – Disse o policial – é perigoso estar fora de casa, entrem.

Enquanto outros policiais faziam outras vistorias, o agente especial devolveu os Bilhetes de Identidade aos jovens e em seguida disse para eles:

- Não tenha medo, não se preocupem, não se assustem está tudo bem, nós estávamos aqui para manter a calma.

Com muita coragem, John perguntou ao policial que os interrogava:

- Por favor, que isso não lhes pareça mal, mas, o que devo fazer para fazer parte da vossa corporação?

O policial olhou firme para John e depois olhou para o seu chefe, e o chefe da polícia especial da PIR se aproximou a ele, Bento rezou no seu coração - "Ave-Maria e Santa Maria ao mesmo tempo...", e fingiu não estar a ouvir e nem a olhar para o chefe, mas John agradecia por tudo.

- José João Nunes é o seu nome, certo? – Perguntou o chefe da operação.

- Sim senhor! – Respondeu John.

- Você é um homem muito corajoso, nós somos da polícia da Intervenção Rápido, nos procure.

John e Bento continuavam em pé, enquanto os policiais tecnicamente se retiravam.

- **CAPÍTULO [19]** -

...

No mundo tereis aflições

Na porta da igreja, os jovens do protocolo da igreja se despediam com saudade dos louvores.

- Senhor pastor. - disse um dos jovens do protocolo.
- vamos esperar para acompanhá-lo para casa.

- Não é necessário meu filho, podem ir para casa, até aqui já estou bem próximo e ainda vou conversar aqui com o nosso novo irmão.

Enquanto o pastor da igreja e o jovem Chris ainda conversavam, o pastor ainda não tinha se apercebido de tudo que se passará com o jovem Chris, mas o jovem preferiu confessar os pecados, pois pensava, se eu morrer durante essa perseguição, pelo menos estarei salvo. Os irmãos se despediam uns aos outros e também despediram-se do pastor.

- Pastor Israel...
- Que Deus seja contigo minhas filhas.
- Meu filho, eu sou o pastor Israel Epesse. Meu querido, até mesmo o culpado, diante de Deus encontra salvação. No mundo tereis aflições, esse é o tema que estamos a tratar essa semana de campanha de evangelização.

- Ninguém me entende e todos acham que eu sou gatuno. Mas de hoje em diante, serei diferente.

- Mudar de vida não é fácil, mas em qualquer situação conta com o pastor, eu sempre estarei aqui presente para te ajudar, estarei ao teu lado para te socorrer e lhe ajudar em qualquer situação. A bíblia diz, no mundo tereis aflições.

Enquanto o pastor e o jovem Chris conversavam, de longe vinha um grupo de jovens, e vinham exactamente para a direcção do pastor e do jovem Chris. Seus passos eram de terminação. O pastor olhou para todas as direcções e percebeu que só estavam eles os dois e um grupo de jovens vestidos de fúria. O pastor levantou a bíblia e disse:

- Eu sou pastor, o que se passa?

Mas o pastor viu-se a ser puxado para a esquerda, e quando olhou para onde estava, viu poeira bem onde ele estava e duas flechas acabavam de furar a parede próximo dele, o pastor olhou para trás e viu um dos jovens a riscar no chão com duas catanas, e o barulho ecoou nos ouvidos dos dois.

O pastor começou a correr e o jovem Chris não ficou para trás. Ambos corriam com velocidade de medo e fazia curvas para esquivarem de todo perigo que vinha atrás deles. Correram e chegaram para uma rua onde já não tinha becos, e era uma rua estreita. Os bandidos estavam bem atrás deles, o pastor parou de repente, tirou a gravata do seu pescoço e, com medo, as catanas, flechas, paus e enxadas caíram das mãos dos bandidos de tanto medo do

pastor. O pastor tirou a gravata, "vamos morrer", pensaram os bandidos. Um deles se mijou de medo, e disse.

- Eu já li na bíblia, "quem se rebelou contra Deus e lhe foi bem"?!

Na mesma, o pastor ajustou bem a gravata e atirou-a aos bandidos, só não se percebeu se atirou praga ou maldição, mas atirou e voltou a correr. Os bandidos que ficaram parados por um instante, ao verem que o pastor voltou a correr, eles gritaram:

- Éheeeeeeeee



E o pastor voltou a correr. O jovem Chris estava na frente e corria cansado de muitos problemas. O pastor corria atrás do jovem Chris. Os bandidos agora começaram a gritar e a atirar pedras. Uma flecha furou o chão bem na frente de Chris, o medo aumentou e ressuscitou tremura nos seus ossos. Correu um pouco e percebeu que o pastor estava

quase a lhe ultrapassar em velocidade. O jovem Chris tropeçou e caiu. O pastor olhou para trás e ambos cruzaram olhares. As galinhas caíram distante dele, o pastor viu rápido e quando chegou ao lado de Chris, largou a bíblia e pegou nas galinhas e correu, e deixou para trás o jovem Chris e a sua própria bíblia.

O jovem Chris se arrastou e gatinhou meio metro, com as mãos tentou recolher areia e buscava um suporte, mas a poeira se levantou e o seu subconsciente lhe aconselhou e correr. Já cansado, vestido de medo, viu o pastor a correr na sua frente e gritou:

- Pastor, pastor socorro!

O pastor continuou a correr.

- Pastor... pastor, socorro, socorro!

O pastor aumentou a velocidade e depois parou somente cinco segundos e gritou:

- Ovelha, corre!

Então o pastor correu sem mais olhar para trás.

Na mente de Chris passam todas as palavras que o pastor lhe dissera, "eu estarei sempre ao seu lado... não é fácil... mas conta com o pastor". Enquanto o Chris corria, soltou uma palavra, baixinho – no mundo tereis aflições... mas agora, tribulações e angústia me dominaram...

- **CAPÍTULO [20]** -

...

Vestidos de vermelho

Como um sonho difícil de acreditar e difícil de se despertar, Chris já não tinha forças para viver, mas a morte passava por outro caminho, e, quando se cruzasse com ela, o medo de ser levado por ela era maior, por isso fugia. Num canto, sozinho ocupou-se com os seus próprios pensamentos. Queria deixar as galinhas mas olha-as como companheiras fieis da noite solitária, e admitia que diante de toda perseguição e solidão, as galinhas eram como verdadeiras companheiras.

Em seu pensamento, suplicava que o sol não parasse, para mais rápido ressuscitar o novo dia. Enquanto pensava, começou a sonegar agarrando-se a uma árvore em que se encostava. Em poucos minutos começou a sonhar que estava no meio de homens magros vestidos de roupas vermelhas e batiam nele, não falavam nada para ele, mas entre si, eles conversavam, Chris começou a gemer e de tanta dor gritava, mas não era compreendido. Percebeu que esses homens o chicoteavam sem piedade e lhe obrigavam a tirar toda roupa, "- Não, não", - gritava ele. "- Não naaaaaaaao!" Despertou do sono e começou a saltitar e a sacudir-se de dor. Percebeu que não era um sonho, mas uma dor era real. Os visondes estavam sobre todo o seu corpo e dançava sem melodia.

- Ai, não, ai não, ai ué, não.

O jovem Chris pulava para se livrar dos visonde, mas os visonde pulavam com eles, colados no seu corpo. Pela primeira vez, desde que a sua perseguição começou, Chris começou a chorar e a tirar as roupas do corpo com grito. Sentia raiva, mas não podia fazer nada contra o seu inimigo. Tirou toda a sua roupa e ainda começou a sacudir-se no corpo, cansado e pensativo, afastou-se da sua roupa e já não queria saber das galinhas.

Depois de um minuto, pensou em continuar a procurar por um socorro, mas ele pensou, "ainda é noite, e ainda podem pensar que sou um bruxo – ah não!". – Exclamou ele. Sentiu medo de sentar, por isso, com passos de medo e vestido de vergonha, caminhou e pegou rápido nas suas roupas e começou a esfrega-las na areia para matar os bichos. Por fim, enterrou toda sua roupa na areia enquanto pisava por cima delas. Calculou um tempinho e pensou, "agora sufoquei esses malditos visontes". Respirou fundo e descansou as suas mãos na sua cintura, e quando tentou se abaixar para recolher a sua roupa, ouviu um grito de exclamação.

- Ai socorro, bruxoooooooo!, eu vi bruxo.

Chris olhou para todos os lados para alcançar as pessoas que gritavam, mas não viu ninguém e pensou, "-deve ser meu próprio pensamento". Vestiu as calças, e ainda sem camisa e sem sapatos, ouviu um barulho vindo para a sua direcção e gritavam:

- Bruxo é matar...

- É matar...

- Bruxo é matar... é matar, isso tem que acabar...

Chris deu dois passos para tentar definir as dúvidas da sua mente e em poucos metros viu uma multidão que se apressava para matar ou mutilar o bruxo que acabaram de ver. Chris parou e viu que se tratava de algo muito sério, uma frescura ocupou todo o seu corpo, olhou atentamente e viu que na frente da multidão vinha um velho de barbas e cabelo branco, ao seu lado direito e esquerdo estavam dois auxiliares: um com uma panela de barro, e outro com uma varinha que abanava de cima para baixo e da direita para a esquerda e Chris pensou, "isso é para me fazer virar galinha". Chris começou a correr mas escorregou e se travou com as mãos no chão porque teve que voltar para recolher a sua roupa e as galinhas. "Não se deixa rasto para trás", pensou ele. O frio nessa noite era tanto que Chris pensou que 50% do frio foi dividido para o corpo dele. Sem camisa, sem sapato, com os pés, Chris correu mais rápido que os seus passos e desapareceu dos olhos dos seus inimigos.



- **CAPÍTULO [21]** -

...

Na varanda onde estava Kailo, filho mais velho da dona Flora, estava sem coragem de falar com a sua mãe porque não conseguia fazer nada, senão lamentar de Chris. Já na rua principal da casa da dona Flora, o silêncio e a noite se cruzavam pelo bater do vento. Dona Flora olhava para o seu telefone várias vezes e queria fazer uma ligação mas, pela hora sentia que já não podia. Mas de repente recebeu uma mensagem no seu telefone e se apressou a abri-la e leu, "- os meus homens viram o rapaz, mas ele está a fugir deles, mas vamos pega-lo.

- Não, não e não! – Dona Flora não aceitou essa informação e discou um número e ligou.

- Alô, alô, mas...

Mas uma voz do outro lado do telefone interrompeu dona Flora.

- Calma aí, calminha aí.

- Está bem, disse ela.

-O que você não entendeu na mensagem?

- Bem, quer dizer, diga mais uma coisa por favor...

- É o seguinte, os meus homens acharam o rapaz, mas com medo, ele escapou mas, pelo menos ele está bem e seguro, porque estamos a cuidar de tudo no bairro.

Quando dona Flora ouviu isso, começou a olhar à sua volta se pudesse ver pelo menos um policial, mas a escuridão cobriu toda sua atenção.

- Mas aí a essa hora deve ter bandidos.

- Por isso que nós estamos em acção. Agora tenho que desligar.

O telefone desligou e a conversa foi plenamente interrompida mas dona Flora se encheu de raiva. Mas do outro lado da linha, estava o subchefe da polícia comunal da Arimba e o mesmo fez outra ligação.

- Alfa, Alfa, confirma a situação na tua?

- Situação activa e controlada... - Copiado, confirma o realce da missão?

- Activa!

- Coronel, eu quero resposta de vida...

- Chefe, garantimos sucesso.

- Copiado, continue na busca, não deixe rasto.

- Copiado!

Assim que o coronel acabou de falar ao rádio de comunicação, o seu colega ao lado acenou para ele, para despertar a sua atenção e depois mostrou.

- Opa! - Exclamou baixinho e com outro sinal, alertou aos outros policiais e todos ficaram em alerta.

Os policiais ficaram curiosos e em máximo alerta, na frente deles estavam homens altamente armados com todo tipo de objectos cortantes como: catanas, enxadas, pás, machados e flechas. Os mesmos estavam apressados nos pensamentos, mas desenhavam seus passos na noite, mas distantes de quaisquer perigos, de repente se espantaram que já estavam cercados e sem nenhuma hipótese de escapar. Estavam bem cercados e amarrados pelos seus próprios medos. Em seus pensamentos, começaram já se acusar.

- Aqui é a polícia! Larguem tudo que está nas vossas mãos e se ajoelhem, agora! E tirem as camisas.

Em meio segundo, todos estavam com as camisas nas mãos. Mas tinha um que não tirou e não fez nada senão olhar para os policiais. Em seu pensamento dizia, "está frio, como é que vou tirar a camisa".

Um agente chegou perto dele e lhe perguntou.

- Quando você crescer um pouquinho mais e ter juízo, quem você vai ser?

Com palavras desenhadas de medo, o jovem começou a gaguejar e respondeu.

- ... doutor!

O policial com um sorriso orgulhoso lhe disse de novo.

- Saudações, doutor! Vamos lá, anão, gigante, anão gigante, anão gigante.

O policial falava e o jovem seguia na voz de ordem e levantava e se abaixava, em anão gigante, anão gigante. Levantou, rebolou, cambalhotou, rebolou, levantou, girou, anão gigante, anão gigante. De tanto exercício, o jovem começou a tirar as suas roupas de tanto transpirar. E com o corpo vestido de negro, o policial não parou de repetir anão gigante, mas o jovem depois já não se levantou. Desmaiou.

O policial pegou na cabeça do jovem inconsciente e disse:

- Saudações doutor!

Depois olhou para os outros e os perguntou:

- Mais alguém quer nadar na areia?

Os jovens começaram a emagrecer de medo e frio que só começou nessa hora. Todos eles nunca tinham estado na frente de um agente Especial da Intervenção Rápida. Por isso, até aqueles que tinham corpo de comando emagreceram na hora. Um dos jovens que tentava se esconder atrás do seu amigo, estava a tremer muito, e para se acalmar, queria tocar no corpo do seu amigo com um dedo, mas estava a fazer de forma discreta, mas se surpreendeu quando o policial lhe disse:

- Rapaz, se esse teu dedo se mexer de novo, eu te garanto que vais ficar sem dois.

Os jovens estavam sem camisa, mas estavam a transpirar de tanto medo. O jovem que queria mexer o dedo sentiu que uma pulga estava a lhe picar porque também estava com frio, e lhe picava para se aquecer e fugir do frio.

O jovem não se mexeu mas no seu interior clamou, "por favor, ó pulga não me faz morrer".

- Meus senhores. – Disse o policial, vocês foram apanhados em flagrante com materiais suficientes para causar guerra. Agora, antes que eu vos mostre uma receita para chorar de dor, me respondam, o que vocês estão a fazer aqui a essa hora, e se isso que está aí com vocês serve para que?

- Eu... quer dizer, ele é o nosso chefe. – disse um deles, já quase a cagar-se de medo.

- Queremos fazer uma lavra aqui...

- Óh seu idiota, fala a verdade, esses são da polícia da PIR, esses não brincam, vão nos tirar o medo.

- Cala-te, vou te bater. – Disse um dele.

- Não! Sabes bater, vai bater aquele policial.

- Eu sou o teu chefe, ok.

- Então fala isso nos policiais que você é o chefe.

Os bandidos começaram a murmurar entre eles e ao mesmo tempo se acusavam.

- Calados!

- Sim chefe! – Responderam os bandidos ao mesmo tempo.

O policial indicou para um jovem e lhe disse:

- Quem você quer ser no futuro?

O jovem se lembrou que essa pergunta fez do seu amigo dançar anão gigante, anão gigante, por isso sentiu medo e desmaiou no colo de um dos seus amigos.

O policial abanou a cabeça e depois olhou para os jovens que já estavam quase a morrer de medo, chamou outro policial de forma codificada mas, disse:

- Ligue para a central do comando para nos apoiar com transporte. Imediatamente o policial pegou no seu rádio de comunicação e distanciou-se do agente que dera a ordem e começou a falar.

- Positivo... Rua... certo... copiado!

Quando acabou de falar com a central, voltou ao seu chefe e falou algumas palavras codificadas, e o chefe respondia com acenos de cabeça positivamente. Em seguida, pela posição deles e pela hora que foram apanhados, todos os jovens foram interrogados e castigados ao mesmo tempo. Os policiais esperavam o apoio da viatura mas ainda tinham activa a sua operação. Por isso, planificaram rotas e em seguida se separaram enquanto a noite permanecia com eles.

- Vamos avançar para a posição do encontro.

Os bandidos estavam repletos de cansaço pelo castigo que cada um teve. Todos eles estavam amarrados entre si com os seus próprios cintos e levavam os seus próprios materiais de guerra, mas antes, cada um deles pegou no seu material cortante, e de forma particular cada um deles foi

fotografado e depois em colectivo. Os policiais anotaram e depois realçaram todos os detalhes das entrevistas.

- **CAPÍTULO [22]** -

...

O frio era como um castigo e o medo como uma perseguição impossível de esquiva-lo. Amarrados com os seus próprios cintos das calças, empurravam-se entre eles e seguiam em silêncio os passos dos policiais vestidos de autoridade e determinação, mas estavam com muita raiva uns dos outros mas, impedidos de falar. Tudo que em seus interiores reclamavam, planificavam discutir depois, mas o frio e a cansaça, lhes obrigava a esquecer tudo a cada passo que davam. As horas pareciam incertas e lentas, e a noite como infinita. Cada um deles, pela primeira vez em suas vidas, oravam para que o sol não parasse e, que o dia chegasse mais rápido.

Nesses passos infinitos, todos eles se lembraram do inferno, e em seus pensamentos, cada um deles planificava adorar a Deus, se lhes livrasse dessa situação.

Já não sabiam mais onde estavam, nem quanto tempo tinham caminhado. Nessa hora, a única coisa que lhes vinha a cabeça como verdadeira e certa, era que, o inferno é sem dúvida mais escuro do que qualquer noite que já existiu e mais terrível do que qualquer dor na pele. Nenhum deles falava para o seu companheiro, mas na pele e em seus pensamentos partilhavam a dor. Atentos em quase tudo, amaldiçoavam a hora em que pensaram em sair de casa para correr atrás de um homem que lhes devia 300.000 kwanzas. Reclamavam que, ainda que não nos pagar mais, por favor, nos deixem só ir. Um deles olhou para os céus para ver pelo menos um sinal de esperança, mas o recado que recebeu foi

de uma iminência de chuvas. Mas mesmo assim, ainda clamou em seus pensamentos, "por favor, nos livre das mãos desses policiais, esses afinal não brincam mesmo".

De longe umas luzes brilhavam e eram sinais de carros vindos na direção em que eles estavam. Os policiais de Intervenção Rápida começaram a ocupar as duas faixas da estrada e mandaram os bandidos ficarem virados para uma direção diferente, sentados no chão e bem estavam bem controlados.

Em diferentes posições, os policiais da PIR esperavam responder a qualquer intenção contrária. Eram homens treinados para contrariar e responder qualquer instabilidade no país e, cada um deles estava capacitado para dar solução aos problemas difíceis em qualquer hora do dia, mas para além disso, também eram homens treinados para desconfiar e manter a calma e tomar decisões. A farda deles é como um símbolo de responsabilidade e ordem e determinação.

O primeiro carro curvou para a direção deles e se aproximava como o piscar das sirenes, mas, em silêncio, apenas as sirenes anunciavam a chegada de uma equipa que marchava para responder uma certa emergência. Eles sabiam que sirenes, só tinham de ser de ambulância ou sirenes policiais, que talvez pudessem ser da sua equipa, visto que tinham pedido apoio a central, a dúvida e a confirmação antes de actuar era para esses policiais rigorosos, como slogan da sua base de comando. Um dos policiais ligou para a central e perguntou a quantos minutos os carros de apoio que haviam solicitado tinham saído da base, e, se eram quantos carros e suas específicas matrículas. Na mesma hora recebeu as respostas. Anotou

tudo e calculou a distância de onde vinham e o tempo que poderiam fazer. Por último perguntou o nome de um dos motoristas, e o outro policial que estava ao lado fez a ligação.

O policial fez a ligação, uma e duas vezes, mas ninguém atendia.

Os policiais estudaram as posições, árvores, montes e visão, e começaram a cercar a estrada com pedras e ficaram em posições para não levar ovo. Formaram aí mesmo um posto de despacho e supervisão e, mantinham-se nas suas posições de emergência, enquanto os bandidos estavam sentados no chão e olhando para uma posição contrária.

Para de novo confirmar, o policial fez de novo a ligação, mas o telefone tocava e ninguém atendia.

- Coronel, ele não está a atender a ligação. – Disse um dos policiais ao chefe da operação.

O coronel da polícia Especial de Intervenção Rápida ficou um milésimo em silêncio, pensou e depois disse:

- Qualquer um pode ler uma informação à distância para ganhar um par de óculos, mas um agente da PIR tem que saber resolver problemas quando a dúvida quiser tomar a sua posição. Agente?...

- Sim senhor. – Respondeu um dos agentes na ordem do coronel.

- Qual é a sua posição?

- Tenho uma coisa que pode ajudar senhor...

O agente pegou no seu binóculo, pediu permissão para se afastar de seus chefes e subiu num pequeno monte deixado pelos homens que reconstruíram essa via e depois de ler uma informação no visor, voltou com um papel na mão, e deu-o ao seu chefe. O chefe leu a informação no papel e pediu ao outro policial que fez a ligação e juntou as duas informações que acabaram de se enquadrar.

Agora em pouca distância, os policiais viram as luzes e já não havia nenhuma curva entre os agentes e os carros.

-Mantenham em suas posições. – Disse o coronel.

Enquanto os carros se aproximavam, um dos policiais, e o carro que estava na frente deu um sinal que era conhecido por eles.

Os dois carros pararam e alguns policiais desceram dos carros, fizeram alguns acertos e depois os carros fizeram as manobras de versão de marcha.

Os outros policiais começaram a sair das suas posições.

- Onde estão os bandidos? – Perguntou um dos policiais.

- Lá estão os camaradas que estão a sujar o bom nome da polícia, dizendo que a polícia não trabalha. Bem, eu e eles precisamos de ter uma convizinha. Quero todos eles aqui agora.

Um dos agentes saiu apressado, e quando chegou onde estavam os bandidos, o policial disse em voz baixa umas palavras ao outro policial. Em seguida, os homens sem camisas e sentados no chão, se levantaram com pressa, mas sentiram seus ossos a se quebrarem pelo poder do frio. Seguiram até a estrada.

O outro agente especial ao ouvir que os homens foram apanhados com objectos perigosos, e na área do crime ele se enfureceu. Cada homem que foi apanhado na área do crime, começou a apresentar os seus objectos, e quanto mais mostravam, mais o agente se enfurecia. Ele e o outro coronel que comandavam a operação conversavam baixinho e isso deixou os bandidos mais preocupados e depois de tudo ser apresentado, foi possível ouvir a voz do coronel Katoti.

- Realmente esses são bandidos altamente qualificados.

Em seguida o coronel katoti se dirigiu aos detentos:

- Meus senhores, esses objectos de guerra são vossos?

Os detentos ficaram com medo de responder. A voz do coronel Katoti não era muito grossa e ele não falava muito alto, mas era uma voz que intimidava o espírito que o ouvisse no seu jeito calmo de falar, os bandidos sentiam seus pêlos a mexer.

- Quem não tem boca, pode não responder, mas ai daquele que tem ouvidos para ouvir e boca para falar, mas se cala.

- É nosso.
- É do nosso chefe.
- Para comprar tudo isso fizemos uma contribuição.
- Roubamos numa obra em construção.
- O meu primo...
- Sim, quer dizer, o primo dele...

Os homens tremiam de medo e não de frio, e se precipitavam, por isso falavam à toa. Eram homens fortes mas nunca tinham estado na do coronel Katoti. Esse coronel levantou a sua mão em gesto de silêncio e todos pararam. O segundo coronel indicou para um deles e fez um sinal que esse se aproximasse e lhe perguntou.

- Você é o chefe?
- Bem na verdade.
- Sim ou não!
- Sim! E não! Todos nós somos chefes... o chefe é aquele que tem corte de gatuno na cabeça.
- Ei, você para cá.

Olhando fixamente para o chefe dos bandidos lhe perguntou.

- Meu senhor vocês estavam a caçar leões ou pessoas?

O chefe dos bandidos sabia que isso era uma pergunta capciosa e que não era para ser respondida. O chefe Yeta dava um sorriso de soberania e abanava a cabeça devagar.

- Bem, na verdade ainda temos muito que conversar. Vamos ao jardim, eu acredito que eu e vocês precisamos de ter uma conversinha.

Os bandidos subiram no carro, dois policiais sentaram-se na frente, depois todos os bandidos se sentaram em seguida e depois outros policiais se sentaram na porta do carro de marca Land cruize fechado. Os carros arrancaram, mas em seus pensamentos, os bandidos se criticavam entre eles mas, também se consolavam pois sabiam que por mais que chorassem, nas mãos da Polícia da Intervenção Rápida era impossível não se lembrar do inferno. Olhavam para os céus muitas vezes, mas não conseguiam ver nenhuma estrela, mas em vez disso, as nuvens negras ainda anunciavam medo. Enquanto se aproximavam a uma grande ponte em que os carros passam por baixo, todos se viraram para ver que ponte era aquela, e ao mesmo tempo todos leram em seus pensamentos, mas apenas mexendo a boca, e estava escrito, "Boa Viagem". Todos os bandidos em seus pensamentos exclamaram, "estamos na ponte da Boa Viagem", mas o medo baralhou seus pontos cardiais e outras direcções, por isso, não sabiam se estavam a entrar na cidade do Lubango ou então a sair, mas a ponte começava a ficar para trás, até que a imagem da ponte desapareceu no profundo escuro.

O carro que levava os bandidos estava na frente e atrás estava o segundo carro com mais policiais.

O coronel Katoti ainda se lembrava das palavras do coronel Yeta, que eram, "encontre o homem da galinha e lembre-se, a nossa missão é resgata-lo e protege-lo". O coronel Yeta e a sua equipa táctica ficaram para trás para continuar com a missão de operar a galinha. Pois, viram que os homens que foram apanhados não estavam no pacote da sua missão.

Antes de retornarem à sua missão, o coronel Yeta distribuiu refeições para animar a sua equipa, uma motivação trazida pelo coronel Katoti.

- **CAPÍTULO [23]** -

...

A noite estava muito mais escura, era quase possível apalpar o escuro, já não se tinha certeza por onde se pisar, e Chris não sabia mais o que fazer, pensou em abandonar as galinhas, mas o seu subconsciente lhe aconselhava a não fazer isso.

Ele sabia que tinha que continuar a caminhar para qualquer direcção e escapar do perigo que lhe perseguia mas, o que mais lhe incomodava é que não sabia as causas da mesma perseguição, mas uma coisa estava bem clara, o seu corpo estava muito cansado e pedia descanso total. Em sua mente, enquanto olhava para todas as direcções, se esforçava para ignorar o pedido do seu corpo para descansar, mas se lembrava que ultrapassar os limites do corpo, era como desafiar uma receita médica em uma delicada situação de pouca saúde.

Começou a lembrar-se de muitas coisas, monologando em seus pensamentos, e descrevia com medo a situação de um chinês em 2011, cujo morreu depois de uma maratona de 3 dias na frente de um computador num cibercafe. Um debate entre as suas forças e a coragem mental se fazia valer, todos os seus sentidos, todos os minutos que regulam e sustentam o equilíbrio da sua vida estava ocupado, mas o frio não ficou de lado.

Ele sabia que de todas as coisas que sustentam a vida; a saúde é o descanso, é o centro, mas também sabia que o descanso não era suficiente mas a paz.

Lembrava-se de tudo, queria chorar mas não tinha forças para derramar lágrimas começou a desenhar pensamentos, "que tal pensar que esse seja o meu trabalho e que eu tenho que me esforçar", mas na mesma se lembrou de Mita Diran, uma jovem funcionária de uma agência de publicidade Young Rubicam, na Indonésia, onde trabalhou continuamente por três dias. Ela até usou alguns energéticos para se manter acordada, mas se esforçou tanto que por fim acabou por morrer.

Então pensou para não emagrecer, e pensou também, "vou acender aqui lenhas e assar uma dessas galinhas". Começou a procurar lenha, mas tudo estava quase molhado, mas ainda assim insistiu e bateu algumas pedras que nem faziam nenhuma faísca. Com esse princípio, a fome estava em seus pensamentos mas do que sentia o vazio no estômago, era agora impossível fingir que não estava com fome. Aproximou-se de uma lagoa, pensou lavar a cara para não continuar a sonegar. Chegou a lagoa, mas o barulho das rãs o incomodava tanto, por isso começou seguir a seguir a lagoa procurando se afastar desse barulho.

- **CAPÍTULO [24]** -

...

O sol parou

Eram 4h da manhã, muitas vírgulas e alguns pontos preencheram a mente de Chris. Enquanto tentava dormir com passos de sono, aos poucos ele pensava que esse sono é que estava a dominar tudo à sua volta e baralhava a sua visão, mas não, era tudo verdade, a noite estava verdadeiramente mais escura que qualquer pensamento negro. Parou e olhou à sua volta, tentava alcançar qualquer sinal de luz, mas nada. Olhou para qualquer direcção que ele julgava ser a cidade do Lubango, mas só via escuridão como cartazes em épocas de eleições num país democrático. Levantou a sua mão e tentou olhar para a palma da sua mão mas só viu escuridão, por isso exclamou - "o meu coração é agora como ferida. Estou quebrantado, a noite visitou-se em mim, ando de luto em luto; o espanto se apoderou de mim."

O jovem Chris sentia suas mãos e pés congelados, mas sabia que não podia desistir nessa hora. Sabia que já não tinha forças, olhou para os céus, mas as nuvens e tudo à volta, até as nuvens estavam mais escuras que qualquer escuridão da noite. "Como deve ser o inferno? Pensava ele.

Pensou no riacho por onde passou, mas não sabia a direcção certa. De longe, como um carro no asfalto, ouviu barulho do abanar de árvores a serem regadas, "chuva", exclamou ele. Em seus pensamentos dizia, "isso é traição, aqui no Lubango recebem assim as visitas, até o sol parou",

pensava ele. "Só tem que ser, o sol parou mesmo porque está muito escuro", ele pensava e dizia, "o sol parou", pensava ele em plena aflição. Agora me enviaram a chuva, ene vakue! Os pensamentos de Chris o consumiam e a dor física se tornara mais verdadeira e profunda era a noite.

Mas por trás de toda a sua dor e desespero, ele não sabia que estava próximo o raiar do novo dia. Até certo momento pensou nos tempos de caça, lá no seu município mas também se lembrou que em África tudo é possível. "Veja, até a cidade do Lubango se escondeu para que eu fique perdido." Chris se afundava em pensamentos alheios à sua realidade, mas ele acreditava tudo ser verdade.

Pensou nos pontos cardiais que sempre ouvia dos seus irmãos e por isso uma saudade lhe visitou. Mas os seus irmãos e as aulas de geografia, todos fugiram de suas lembranças. Não conseguia relembrar de quase nada com convicção. Onde deve ser o tal Norte? Onde deve ser o tal Sul? Ou então Este, onde nasce o tal sol? Tentava pensar em muitas coisas, mas não encontrava resposta, tentava se enquadrar numa direcção mas tudo lhe parecia desorganizado. Nem mesmo sabia a direcção da sua boca, mas sabia que o estômago estava no mesmo lugar porque a fome não estava de lado. Mas de repente, como uma massagem de paz, começou a perceber de longe que o sol se rasgava e uma pequena luz brilhava numa certa direcção. Correu e subiu num pequeno monte e percebeu que ele estava por baixo de dois montes. Olhou de novo a sua volta e de longe viu algumas luzes e acreditou ser a cidade do Lubango. Começou a olhar de longe e pensou. "Eu vou caminhar até ao Lubango", sorria um pouco e de repente

todas as luzes na cidade do Lubango se apagaram e ele se embrulhou com todo o seu medo.

Rápido se virou para ver se a luz do outro lado também ficou apagada mas ainda havia uma pequena esperança. Então começou a perguntar-se, por que as luzes na cidade do Lubango se apagaram? Ah, já sei a luz na cidade foi. Com um pouco de luz que se clareava nos céus, agora conseguia ver de longe a chuva a cair, agradeceu que já parecia estar a cessar.

Ainda era noite, mas os céus já anunciavam esperança. Em seus pensamentos acreditou que agora o sol já não iria parar e, também aprendeu que, quanto mais negra for a noite, é sinal de que o novo dia está quase a nascer.

Em seus pensamentos calculou, "deve ser quase 5 horas". Um sorriso cobriu o seu rosto. Ganhou coragem e de novo voltou ao riacho e lavou o seu rosto e pés. Ainda abaixado diante do riacho, tentou se ver nos reflexos da água, mas ainda estava escuro. Lembrou-se das galinhas, levantou-as na mão esquerda e estranhou o silêncio, se apressou a bater devagar nas galinhas para saber se ainda tinham vida e na mesma hora uma galinha se mexeu e gritou devagar mas voltou a dormir nas suas mãos.

Com esperança, ele começou a fazer novos planos para o novo dia e dizia, "quando eu for para casa, vou dormir", vou falar bom dia, vou falar que as galinhas não compraram na mesma hora vou viajar para a Matala e para nunca mais voltar aqui. Na Matala cuia, lá tem a barragem, tem lavras, até tem muitas pessoas que em vez de andarem de carro, eles andam de carroças, que é bem melhor do que carros só

gastam gasolina. E até tem muitas pessoas que também cantam músicas que assistimos na TPA. Mas uma coisa também não posso fazer, quando eu estiver na Matala, não irei para a minha aldeia sem conhecer o grupo Astros do Cordeiro.

Pensou um pouco em toda a sua trajectória, sentiu medo de todos os perigos por onde passou e acabou falando, como se estivesse com um companheiro ao lado.

- Não é do homem o seu caminho, nem do homem que caminha, o dirigir dos passos. Éh! Deus afinal existe mesmo, depois de tudo que passei, eu estaria morto.

Na beira da lagoa, Chris esperava com expectativa o sol nascer pela primeira vez, e, pela primeira vez em toda a sua vida orou para que o sol não parasse, mas que nascesse para dar vida à terra.

Sentou no chão. O frio lhe incomodou de novo e de repente se lembrou dos bandidos que estavam a dar-lhe corrida, sentiu medo de novo e se levantou apressado.

- **CAPÍTULO [25]** -

...

Reunidos num único quarto, muitos jovens se levantaram no toque do alarme. Alguns dormiam sentados, outros dormiam encostados na parede, apenas quatro deles dormiam numa cama do tipo solteira e respiravam com a boca porque se apertavam muito. Para dormirem à vontade, dois meteram as suas cabeças nas cabeceiras, e outros dois meteram as cabeças no outro lado. Assim que o alarme tocou, todos acordaram com pulo espiando o alarme que vibrava por cima de uma cadeira. Mas mesmo assim um deles ainda estava a dormir profundamente. Um deles pegou na coberta do dorminhoco e a puxou com gritou.

- Levanta daí, pá.

O dorminhoco era o que mais falava entre todos eles mas, também era o mais corajoso. Ao puxar-lhe a coberta, levantou-se ao mesmo tempo, enquanto a coberta era levantada, e até chegou de se agarrar na coberta e ainda gritou:

- Eu sou comando, eu sou mau, e já acordei.

O dorminhoco continuou a falar:

- Não se preocupem, vamos apanhar aquele sujeito e as galinhas vão ser para o nosso jantar.

Mas os seus amigos em silêncio só ficaram a lhe observar. Quando ele percebeu que todos já estavam acordados e que só ele é que estava na cama, ficou um pouco envergonhado e sorriu para desfalcar.

Antes de dormirem, eles planejaram como fariam tudo, e para não haver falha, todos os quinze amigos dormiram na casa de um amigo, mas essa casa era apenas um quarto e a porta era de latão.

- Se aquelas galinhas não são aquelas da tia Sônia, na mesma as galinhas não caíram dos céus, ele roubou.

- E na mesma, se ele roubou a nossa missão é resgatar as galinhas e procurar no bairro quem está com problemas de roubo de galinhas.

- É verdade. - Responderam todos.

- Se esses gatunos continuarem, as pessoas vão desistir de criar galinhas, e nós?

- Ficaremos sem os ovos.

- É isso aí!

- Vamos deixar de criar galinhas porque o roubo de galinhas é uma atitude que estressa os galos.

- E se pararmos de criar galinhas, e um dia recebermos visita em nossas casas, em vez de matarmos uma galinha como é o costume da nossa terra, vamos apanhar gafanhotos.

Todos começaram a rir-se.

- É verdade, em vez de grelhar uma galinha, vamos grelhar ratos.

Todos dessa vez começaram a rir-se mais alto.

- Epa, que horas são. – Perguntou o dorminhoco.

- São... quatro horas e... e quarenta e... sete minutos.

- Como é que sabes que são 4h47, se aí nesse teu relógio só tem muitos tracinhos?

- Eu entendo esse tipo de relógio, deixa isso para lá, aqui quem tem um relógio de verdade aqui?

- São 5h02 minutos.

- Epa, vamos, ainda está escuro, vamos porque temos que fazer uma operação galinha, sem deixar rastros.

Os jovens saíram da pequena casa e arrumaram alguns materiais cortantes como catanas e outros objectos de fúria. Foram para qualquer direcção com muita expectativa. Um deles perguntou.

- O Guerra e o Edson Prata, o homem do sapato número 55?

- Está muito ferido e foi levado para o hospital central.

- Não, então não vamos só resgatar as galinhas, temos que usar dois temas, que são, resgatar as galinhas e rasgar a cara dessa tal sujeito. Mas um deles se lembrou de como foram as cenas diante da poeira, ataques, e contra ataques. Depois disse:

- Ainda vamos só lhe encontrar.

- **CAPÍTULO [26]** -

...

Já era madrugada e dona Flora estava na rua e a cada passo que dava, olhava no seu telefone para ver se o mesmo toca ou pelo menos entra uma mensagem, mas nem mesmo um alarme tocou. Apertou na tecla do telefone e viu que eram 5h19 minutos. Pensou no comboio e começou a correr para a estação comunal da Arimba para que chegasse lá antes do comboio que vai ao Cuando Cubango. Ela corria mas no caminho não cruzava com ninguém. Pegou no seu telefone, parou um instante e fez uma ligação. E alguém do outro lado da linha respondeu.

- Alô!... mãe... sim...
- E o pastor também... ouviste bem?
- Mamã, o pastor de qual curral de bois?
- ... Não é nenhum pastor de bois e vacas e porcos... o pastor da minha igreja, o pastor Israel Epesse.
- Sim mãe!
- Ouviste mesmo bem?
- Sim mãe!

Kailo se levantou e correu com todas as suas forças em plena madrugada para chamar o pastor da igreja. Enquanto isso, dona Flora corria para a estação, para esperar o comboio e com esperança, na multidão de pessoas, reconhecer seu sobrinho Chris.

- **CAPÍTULO [27]** -

...

Na história de todos os acontecimentos muitas dúvidas e reclamações ficaram marcadas. Os bruxos, gatunos e bandidos se reuniram pela primeira vez na história da humanidade, juntaram-se para discutir esse acontecimento que os impediu de trabalhar nessa noite de muita agitação. Numa reunião rara e breve, eles reclamavam por uma noite perdida, que não puderam fazer nada porque os polícias estavam quase em todas as ruas.

- Mas por que esses tais polícias estavam aqui na Arimba, oko.

- Foi uma noite fracassada.

Entre eles se complicavam, e alguns diziam.

- Vamos reclamar isso nos sobas...

- Nós somos bruxos, o soba vai nos reconhecer...

- É verdade, ainda vamos só pagar boi de graça.

- Éh...

- Então vamos discutir e reclamar isso na polícia...

- Não! Não e não! E nós que somos bandidos, na polícia vão nos meter na cadeia.

Os bruxos, gatunos e bandidos discutiam, argumentavam e se consolavam até que o dia amanheceu e a noite se perdeu.

- **CAPÍTULO [28]** -

...

Em seus pensamentos Chris dizia, "podem conhecer os meus ataques, mas não conhecem os meus contra ataques." Já estava quase claro, e desta vez, Chris estava frente a frente à sua perseguição, e sem hipótese de escapar.

- Espere aí, eu te conheço desde que tu nasceste.
- O quê?! Você nem me conhece. Eu nasci na Matala.
- Sim mas lembre-se que Matala é um município da Huíla. E eu e você nascemos na Huíla.

Nessa conversa Chris percebeu que havia disfarce e quando percebeu bem isso, já estava cercado de muitos problemas, frente a frente à sua própria perseguição. Pensou em ser como um dos grandes artistas de filmes para manter todos sem toca, mas já não tinha forças suficientes para gravar essas cenas. Pensou em correr, mas percebeu que no meio deles tinha um baixinho caenche que pelos vistos corre mais do que todos. Nessa hora, havia um debate entre os seus pensamentos e a realidade.

Sem escolhas, pensou dar um passo à frente para intimidá-los. Com certeza que aquele que der um passo a frente quer lutar. E ninguém vai arriscar isso. – Pensou ele.

Chris deu um passo à frente, mas todo o grupo deu um passo a frente. – "Ene, isso é azar", pensou ele. "Pronto, mesmo assim vou correr". Olhou atentamente para todos eles para poder saber exactamente se eram quantos,

contava mas se atrapalhava, recomeçou a contar de novo, mas se atrapalhava porque eram muitos homens, jovens e até crianças, mas bem arrumados com, colheres, catanas, enxadas, flechas e dimbos/ûnhas. "Vou pedir perdão de joelhos", pensou ele mas, descobriu nos olhos deles que nunca tinham lido bíblia, e, ainda que ficasse de joelhos, para eles esses capítulos não faziam sentido em suas vidas. Viu no meio deles, que magrinho também parecia ser um dos chefes, e ainda estava com sono, era o dorminhoco. O mesmo piscava os olhos com esforço para não dormir, e na sua mão tinha um copinho e estava a lavar a boca em pleno problema.

Chris tremeu de frio, e a sua própria roupa lhe pesava sobre o seu corpo. O sono perdido e os milhares de seus pensamentos pesavam sobre os seus olhos, sem saída e com medo, tudo pesava sobre os seus ombros, e pesava mais do que um cabrito agitado nos seus ombros.

"Ainda bem, vou fingir de desmaiar", mas se lembrou que estava num bairro sem água, e com homens sem piedade. Começou a arranhar-se na cabeça enquanto tentava pensar numa outra saída. Mas os seus pensamentos ficaram de férias.

Os bandidos sabiam que eram como donos do bairro, e como Chris já não tinha saída, eles ficaram parados para ver o que Chris iria fazer.

No mesmo bairro, noutro lado da rua, Kailo estava a correr atrás do pastor Israel Epesse, cujo alongava os seus passos preocupado com a chamada de emergência da dona Flora. O Pastor caminhava e orava ao mesmo tempo no seu

interior, mas também se fazia muitas perguntas, "Como pode um jovem desaparecer em pleno século XXI". Em nenhum momento em sua mente pensou que talvez fosse o jovem com quem ele conversava a noite passada, e que depois se separaram com medo. Olhava para a sua bíblia, olhava para os céus, orava, e pensava, mas também a sua fé crescia, e acreditava no seu Deus e com fé concluía, "esse jovem vai aparecer".

A noite já não tinha muito poder, o anúncio de um novo dia era iminente. Mas Chris sem possibilidades de dar passos para frente, a única coisa que lhe restava era pensar ou falar baixinho sem que alguém tivesse que ouvir. Começou a lembrar-se que ao sair do seu município, para a cidade do Lubango, não tinha despedido a sua namorada, mas que pena, já não tenha tempo para escrever uma carta de despedida. "Agora vou morrer". Pensava ele.

Nos céus, uma luz aos poucos começou a brilhar, o sol aos poucos espreitava nas encostas das montanhas. Virado para o ponto cardinal Este, Chris via como uma esperança a nascer. Sua fé começou a crescer, levantou os olhos para os céus, e tentava reconhecer pelo menos um anjo, talvez viu, mas não conhecia nenhum, por isso não tinha muita certeza do que estava a ver, mas em seus pensamentos escrevia frases de amor e jurava, "se eu viver, vou começar adorar, juro". Assim pensava, enquanto suplicava.

As ruas pareciam estar em alerta, pela primeira vez na história da comuna da Arimba, os negociantes e trabalhadores não acordaram mais cedo que o sol, os cães estavam em silêncio como se alguma lei fosse dada e um silêncio decretado até para as galinhas que se madrugam

com seus cantos despertadores, mas um cão chamado duque, estava por cima de um muro próximo, e só estava a observar toda aquela cena. Chris olhou para a tranquilidade do cão por cima do muro, sem problema, pensou, "quem dera se eu fosse aquele cão, não teria esse problema".

Um dos homens tirou do bolso uma coisa e o medo no coração de Chris aumentou, ficou atento a viu que era o segundo homem que tirou uma escova dental e começou a lavar a boca com uma escova dental, mas sem o creme bucal. Em seguida, outro homem tirou um pente e começou a pentear os seus longos cabelos. Mas todos os homens não tiravam os olhos em Chris, nem mostravam sinais de animação.

Com os olhos, mas sem mexer a cabeça, começou a procurar à sua volta, mas se por sorte alguém pudesse passar por aí para ajuda-lo. O sol começou a raiar, o novo dia começou, ainda com pouca luz. Algumas casas começaram a abrir as janelas, alguns começavam a espreitar dos muros, de longe, Chris viu uma senhora que vinha pela sua direcção com uma bacia na cabeça e, achou ser uma vendedeira ambulante. Agradeceu e aceitou que agora sim, a minha salvação chegou, pois pensava ele que, as senhoras são boas, e não deixam alguém ser batido sem que possa ser acudido. Com uma bacia na cabeça, a senhora de longe gritava.

- Olha o peixe, olha o peixe fresco... olha o peixe.

Ao saber que era uma zungeira, Chris agradeceu ainda mais e dizia, em seus pensamentos, "ainda bem, elas também são unidas, então, virou um pouco para a direcção

que vinha a senhora, de forma que ela pudesse ver as galinhas para que ela pensasse, esse jovem também é zungueiro, não posso deixar o meu colega em problema.

A senhora se aproximava gradualmente e despertava os seus clientes.

- Olha o peixe fresco, olha o peixe.

Com a aproximação da senhora do peixe, Chris procurou uma oportunidade e pensou que os homens estivessem distraídos, deu um passo para trás para poder escapar de vista e fugir. Chris deu um passo para trás mas os homens deram dois passos para frente e prepararam-se para ataca-lo.

O jovem Chris olhava fixamente para a senhora e acreditou no amor de mãe, "ela vai me ajudar", pensou ele. Com os olhos fixos na senhora, ele pedia socorro e esperou que a senhora dissesse, "deixem o outro, ele vos fez o que", mas a senhora passou bem no meio de todos eles, não olhou para a direita nem para a esquerda, nem mesmo os saudou.

A senhora passou, e o palco ficou de novo livre, olhou nos olhos, Chris estava novamente frente a frente ao seu grande problema. De novo, deu um passo para trás e os bandidos deram dois passos e riscaram as catanas no chão. Um deles começou a caminhar bem devagar batendo a sua catana na palma da sua mão, outros também começaram a dar passos com firmeza indo ao encontro de Chris.

Chris começou a ficar quente por dentro, enquanto o seu corpo gemia de frio e cansada.

Achando que já não tinha mais saída, olhou para trás e à distância viu a beleza do Cristo Rei e se despediu da saudade que sempre teve de conhecer Lubango. Desde que a sua perseguição começou, até a esse momento, nunca tinha visto a morte tão perto, nunca tinha sentido tanta saudade de viver como agora, não conseguiu conter as lágrimas, chorou. Sabia que já não tinha mais hipótese, "vou morrer," pensou ele, na sua mente a saudade das paisagens era clara, começou a imaginar como seria ver de perto o Cristo Rei, a Fenda da Tundavala, a Cascata da Huíla, "quem me dera se pelo menos conhecesse só a serra da Leba antes de morrer". Mil e um pensamentos invadiam seu estado emocional, monologava. Já não posso lutar, para que não digam que matei alguém no Lubango

Os homens se aproximavam, Chris levantou seu rosto, olhou nos céus e falou no seu interior, "Senhor, sou um pecador, mas seja feita a sua vontade, aceita-me" uma lágrima rolou nos seus olhos, abraçou-se em seus próprios pensamentos, fechou os olhos e se despediu do mundo.

Com os olhos fechados, uma lembrança renasceu em seus pensamentos, pensou, "se eu não morrer, se eu voltar para a minha aldeia e contar que vi o Cristo Rei, posso ser famoso ou mesmo um rei".

Abriu os olhos com esperança. Ainda com a cabeça abaixada, olhou para os céus e jurou, "posso até morrer, mas não vou me render, Deus ajuda aquele que corre". "Vou morrer tentando", baixou sua cabeça e percebeu que havia dúvida nos olhos dos homens, e os mesmos tinham diminuído os seus passos e olhavam-se uns aos outros.

Do outro lado do beco, o pastor Israel se aproximava com passos de preocupação e oração do seu íntimo. Sua fé crescia a cada passo que dava. Assim que deu a última curva, o pastor viu o jovem Chris e o reconheceu mas ainda estava numa pequena distância.

O jovem Chris se preparou para correr para trás, mas de repente sentiu que alguém acabava de lhe tocar nos ombros, sem pensar um segundo, sem olhar para trás, pensou, "é um deles", abaixou-se de forma técnica e deu uma queda para a pessoa que estava na sua trás, enquanto a pessoa que ele deu a queda caía, ouviu uma voz que lhe parecia ser familiar, mas não conseguiu entender bem. As palavras se perderam no ar, em menos de um segundo o homem caiu na frente do jovem Chris e ficou sem sentido no chão. Como um dia antes choveu, a terra estava um pouco molhada mas mesmo assim, saiu poeira. Enquanto isso, o jovem Chris acabava de ajustar a sua posição de ataque e contra ataque. Em seus pensamentos jurou que iria correr, mas que desta vez não levaria as galinhas.

Não deu muita atenção ao homem que caiu, seus olhos e pensamentos estavam mais nos homens que estavam na sua frente. Mas percebeu que havia um espanto e certa preocupação nos rostos dos bandidos, pensou, "agora que eles estão com medo de mim", mas de prevenção, permaneceu com os olhos nos homens, que não mexia a cabeças, os seus olhos visitaram a pessoa que estava no chão. Não houve muita poeira, por isso Chris reconheceu o homem no chão e gritou

- Pastor Israel Epesse?! Pastor!

A bíblia do pastor caiu noutro lado, quase atrás do jovem Chris, por isso não via.

A bíblia começou a revelar-se em sua mente, e a fé como dos grandes heróis da fé do passado, nasceu dentro dele, e pensou, "Morrer não dá medo, o que dá medo é não ressuscitar", não temeu a morte ou qualquer dor que pudesse vir do ataque dos bandidos que estavam na sua frente, ignorou-os pois a sua preocupação era maior com o corpo do pastor da igreja no chão, "agora sim, estou em grande pecado". Olhou para os céus para se desculpar, e bem rápido, de novo olhou para o corpo imóvel e começou a orar de joelhos na frente do pastor. Mas ao mesmo tempo dizia.

- ...Posso ser atacado pelos bandidos, mas não posso fugir desse pecado, me perdoa e me salva... ressuscita só o pastor... ressuscita só o pastor por favor.

De repente ouviu uma voz que interrompeu a sua intimidade com Deus. Era uma voz firme e com certa autoridade e parecia estar em movimento. Ainda com os olhos fechados, Chris começou a pensar que essa voz era o fruto da sua oração, "os anjos desceram do céu para me acudir", assim pensava ele. Se só orei um pouco os anjos já desceram e se eu orasse durante uma hora, então já posso ser profeta". Pensava e repensava. Mas de repente percebeu que estava a ouvir passos bem ao seu lado e pensou que estava diante de uma visão espiritual, mas ouviu outra vez uma voz, agora era mais real presente.

- Ei, o que se passa?

Ainda de joelhos e de cabeça abaixada em humilhação, abriu os olhos para confirmar seus pensamentos e, viu o Pastor ainda no chão, mas a recuperar as forças. Levantou os olhos, viu que era uma voz real, era a voz de um senhor que parecia ser alguém muito responsável. Com a cabeça levantada, Chris indicou o corpo do Pastor ainda no chão. Nesse instante, o Pastor acabava de se recuperar e sentou-se no chão, e estava com dúvida de tudo à sua volta.

- Eu sou o coordenador do bairro. – Disse esse homem para Chris. Todo problema é só falar comigo que eu resolvo, o que se passa jovem?

Chris não sabia o que responder, pois percebeu um falar muito fino nesse homem, por um instante se esqueceu da sua perseguição, mas quando ouviu essas palavras do coordenador do bairro, se apressou a olhar para onde estavam os homens que estavam a lhe perseguir mas, o lugar estava vazio. Todos os homens fugiram. "Como, por que?", começou a se perguntar.

O Pastor começou a se limpar poeira e o barro sobre a sua roupa. O sol brilhava e cada vez mais trazia paz e esperança para a terra. A noite começou a fugir e o lugar começou a ficar cheio de pessoas, mas as pessoas ainda estavam à distância.

Chris se levantou e seus pensamentos lhe obrigaram a olhar para os céus, e pensou, "depois dessa perseguição, se ainda estou vivo, Deus afinal existe". Percebeu que o pastor e o coordenador se conheciam, pois, conversavam tranquilamente. Também percebeu que algumas pessoas o olhavam com alguma admiração, mas não sabia o por quê.

Lembrou-se de como a noite foi dura e fria, nessa hora as suas forças se recolheram em seu próprio corpo, mas o seu corpo de repente tremeu de medo, não pode ser, "polícia aqui!". Vestidos de autoridade, Chris olhava com medo mas se perguntava, "parece que são policias, só que esses as roupas deles são pretas e se mascararam e ainda estão pintados".

Lembrou-se da luta com alguém que depois disse ser polícia e pensou como tal pessoa era treinada e se arrependeu, aquele bate muito, começou de novo a sentir medo de viver, e até preferiu que voltasse para a sua perseguição.

Enquanto o sol trazia luz para o novo dia, Chris queria que o sol parasse e, se possível que a noite voltasse para ter onde se esconder. Pensou em fugir, mas de repente em todos os becos os policiais começaram a aparecer e as pessoas começaram a afastar-se. Vestidos de autoridade e pintados como pessoas sem rosto, com passos de prevenção, os policiais tomavam conta de toda área. Enquanto as pessoas se afastavam, o sol se aproximava e o dia se tornou mais real:

As pessoas se afastavam com muito medo e evitavam falar, mas o coordenador falou ao Pastor:

- É a polícia da Intervenção Rápida, PIR

O coordenado queria falar mais uma coisa, mas com um sinal de stop, o coordenador foi interrompido por um policial altamente mascarado.

O jovem Chris ficou tão desmontado que até as galinhas caíram das suas mãos. Já viu muitos polícias, tropas e até já viu doutores vestidos de emergência mas nunca ouviu falar de policiais que se vestem de preto e que ainda por cima não riem, são todos sérios.

- Todos calados e não se mexam. Fiquem com as mãos por onde eu possa vê-las e não façam nenhum movimento estranho. E só vão falar aquilo que eu perguntar.

Chris sabia que não tinha como escapar, olhou e reconheceu armas bem diferentes das que já viu em toda a sua vida. Olhou para o pastor e em seus pensamentos pediu ao pastor, "por favor, pastor posso ir cagar?" mas o pastor não sabendo de nada que se passava com o jovem Chris, somente começou a olhar para os policiais sem preocupação. Mas nessa hora pensou como a noite toda não conseguiu ver esses policiais, se lembrou de uma grande frase de seu mestre e concluiu, "para esses policiais da UPIR, o anonimato não é uma escolha para eles, mas sim, um requisito."

O Pastor começou a pensar, "opa, opa, não devia tirar a minha gravata do pescoço, pelo menos seria reconhecido como pastor". Começou a endireitar a sua mão que pegava a bíblia para que essa fosse vista pelos policiais para ser reconhecido como pastor. Por isso, olhava várias vezes para a bíblia para que eles dessem conta do seu sinal.

De longe vinha um carro da ordem pública e depois parou ao lado do pastor e do coordenador de um dos bairros da comuna da Arimba. Chris começou a gaguejar em seus pensamentos, para tentar ler, o que estava escrito no carro.

O pastor, o coordenador, Chris e as galinhas subiram no carro e o mesmo carro arrancou e deixou muita poeira e vários comentários para trás.

No outro lado das preocupações, dona Flora estava na estação comunal de caminho de ferro da Arimba, sem direcção, olhava para as carruagens do comboio, mas não conseguia pensar em ordem. De longe ou de perto ninguém passava, olhou para o seu telefone, "6horas 45min, como é que o comboio até agora não está aqui? "Ela se perguntava mas não conseguia nenhuma resposta. "Nem o comboio do Cuando Cubango, ou pelo menos o comboio comercial..." Dois jovens vinham para a sua direcção andando entre as carruagens e ela se apressou e correu até eles. E nem chegou mais de saúda-los.

- Meus filhos, será que o comboio já passou?
- Bom dia senhora, hoje o comboio não vai passar porque hoje é domingo.
- O quê?

Dona Flora bateu-se nas pernas e aborreceu-se. Mas não conseguiu pensar em mais nada. Desesperada, de repente o telefone tocou e ela atendeu mais rápido que o toque...

- Aló! Por favor, por favor... sim... galinhas... é meu sobrinho...

Uma voz no outro lado do telefone disse:

- Vem agora até ao posto da polícia da Arimba. Agora.

No posto policial da comuna da Arimba, numa sala de interrogatórios, os policiais não se esqueceram que não é muito profissional começar com as perguntas mais importantes, por isso, se ouvia uma pequena discussão.

- Ele me ameaçou com uma arma branca.
- Eu! Arma branca, eu nunca peguei uma arma, isso é azar.
- Eu também não sou maluco. Aqui estão as testemunhas, foi sim uma arma branca.
- Não. Isso é mentira, eu não te ameacei com arma branca, mentir também já não é assim, aquilo não é arma branca aquilo... eu te ameacei com faca, aquilo era faca aquilo não era nada arma branca.

O coordenador, o pastor, dona Flora, Chris e as galinhas estavam numa sala próxima e ouviam essa discussão entre um ofendido e um acusado, mas eles foram atendidos mais rápido, e tudo acabou por ficar bem, o coordenador, o pastor, Chris e as galinhas e a dona Flora, todos saíram sem nenhum problema, mas todos estavam cansados de muitos pensamentos, mas saíram do posto policial sem nenhum problema.

Em todas as ruas, todos argumentavam sobre Chris, e muitos argumentos se cruzavam em mentes diferentes. Mas Chris fazia de tudo para evitar quaisquer elogios. Mas uma criança muito emocionada indicou para Chris e em alta voz disse:

- Éh! Não brinca, esse é aquele mano que ontem deu uma queda no boi.



- **CAPÍTULO [29]** -

...

No comando da Polícia de Intervenção Rápida, no Lubango, o subchefe da corporação começou a falar, em uma certa hora da manhã, e começou assim:

- Nós somos oficiais chamados para responder e dar solução a qualquer problema. Devemos e vamos representar com prudência nosso papel, pelo qual fomos chamados.

Todos os agentes Especiais da Polícia da PIR estavam firmes em suas posições de chefia e prontidão. Mas o subchefe não falou muito e terminou dizendo.

- E lembre-se sempre, para um agente da farda preta, o anonimato não é uma necessidade mas um requisito. Dispensados!

...

Todos os policiais do comando da Arimba já estavam na parada, motivados pela resolução da galinha. Entre eles conversavam baixinho e se contavam algumas coisas. A parada estava cheia de policiais, porque até aqueles que estavam de folga foram chamados com urgência para a mesma parada. E o chefe do posto começou a falar:

- Meus senhores, hoje é um dia muito importante para a nossa corporação. Como vocês sabem, sucedeu algo ontem que muitos de vocês já devem estar sabendo.

O chefe começou a relatar como tudo aconteceu. A distância, o comandante comunal da Arimba se aproximava em passos lentos se apoiando numa muleta. Alguns policiais

o reconheciam, e se perguntava, "mas não é esse o nosso comandante?" Mas o chefe que falava, percebeu que o comandante se aproximava, deu um sinal de ordem e começou assim.

- Atenção! Sentido, dispensados!

Quando o comandante começou a falar, todos os policiais o reconheceram mas, aqueles que não sabiam de nada que tinha acontecido, se perguntavam o que tinha acontecido e por isso transpiravam pelo poder da voz do chefe. Mas o comandante continuava a falar, explicando o motivo da urgente convocação.

- O comandante da incorporação da PIR reuniu com alguns chefes e subchefe da polícia provincial da Huíla, e algumas normas, novas ordens foram elaboradas.

O comandante continuava a falar e os policiais perceberam que algumas novas coisas foram implementadas no sistema de segurança pública.

- Seus senhores, são 11 horas e 25 minutos, agora. Mas eu gostaria de lhes dizer que quando eram 6h10 eu saí do Lubango e já tínhamos tratado de tudo que agora vos falo.

Em seguida, o chefe que se tornou famoso como o chefe das quatro quedas começou a falar de como um agente deve ter escrúpulo, civismo e atitude, e depois disse:

- A conduta define o homem.

Depois de tudo terminado, o chefe voltou a dar ordem.

- Sentido!

Enquanto o comandante se retirava, o chefe das quatro quedas começou a falar.

- A partir de hoje todos vocês serão verdadeiros agentes, aqui, nas vossas casas, e até mesmo nos vossos bairros.

- Sim senhor.

- Eu respeito e confio nos senhores, estão a me entender?

- Sim senhor!

- Passaremos a fazer rondas em horas que serão definidas em breve.

O comandante comunal deu sinal ao chefe das quatro quedas para terminar a parada e deu dois passos apoiando-se nas suas muletas. E o chefe das quatro quedas, que era eis agente da corporação da polícia especial da PIR estava confiante da sua nova corporação em que foi inserido. Ainda não estava plenamente habituado na nova equipa, reconheceu que, pela sua idade e estado de saúde, aceitou que os chefes da polícia da PIR e a equipa médica, pelos resultados que deram depois de avaliar o seu estado de saúde, tinham razão ao dizer que ele já não tinha condições de pertencer à equipa de enfrentamento tático da PIR.

Mas com uma voz de conforto, ele olhou ao seu corpo firme e determinação e ordenou:

- Em nome do país, todos vocês foram chamados a estabilizar a ordem pública, sim ou não?

- Sim senhor.

O comandante comunal saia bem devagar, e ainda estava numa direcção próxima. O chefe das quedas terminou de falar, e queria despachar tudo e quando decidiu terminar, ordenou para dispensar os policiais.

- Atenção!

Assim que todos se endireitaram, o comandante ao mesmo tempo dá ordem da voz, olhou para trás e com o dedo levantado disse:

- Faltou uma coisa, até mesmo lá nos vossos bairros, ainda que um rato se engasgar eu tenho que saber. Os senhores me entenderam?

- Sim senhor.

- **CAPÍTULO [30]** -

...

Algumas horas antes...

O pastor, Chris e as galinhas chegaram a casa de dona Flora e já eram 08h15 minutos. Depois de fazerem a oração do pai-nosso, acompanhada por todos de casa, o pastor Israel Epesse se despediu e foi.

O jovem Chris foi ao seu quarto, se deitou na cama, com os olhos fechados começou a imaginar como tudo começou. Até começou a pensar nos pensamentos de dona Flora e em seus pensamentos, se lembrava de como tudo começou, fechou os olhos e imaginava assim:

...

O ar estava tranquilo, a paz estava sobre os olhos de dona Flora, mãe de dois filhos. O seu corpo estava em paz e dona Flora estava deitada na cama enquanto olhava nas chapas de seu quarto e anatematizava seus passos na praça a fazer compras.

Pegou no seu celular para ver a hora e data do mês. Respirou fundo e sentiu saudade de contar notas novas do salário.

Levantou da cama e caminhou até a sala e saudou os meninos que já esperavam por uma orientação matinal.

Chico, Kailo, Solange não me olhem assim, vocês já sabem o que devem fazer logo que acordam.

- Mãe, nós já fizemos tudo – interrompeu um de seus filhos.

- Humm... pronto, obrigada!

Descontraída, enquanto caminhava para a cozinha, dona Flora se lembrou que tinha mandado os seus filhos que fossem vender umas galinhas e que tinha mandado que fossem mais cedo, pois, as pessoas que compram galinhas passam muito cedo, e, se atrasarem não conseguiriam vender nenhuma. A preocupação subiu sobre os seus pensamentos, pois Chris tinha que viajar ainda hoje, amanhã terá que estar no pasto de bois lá na Matala, nas primeiras horas do dia.

- Oh meu Deus! Damy, Chris, Kailo peguem já nas galinhas e vão a correr para conseguir vender as galinhas porque o Chris tem que viajar hoje. Vão a correr os dois, rápido. E onde está a Solange?

- Ela saiu agora mesmo, mas não falou para onde estava a ir.

Kailo correu na cozinha e trouxe duas galinhas, e dona Flora disse, meus filhos vão a correr.

- Tia é melhor eu ir sozinho para ser mais rápido, vou mesmo correr. – disse Chris.

- Éh, meu filho Chris nessa cidade tem muitos gatunos, é melhor irem os dois. – disse dona Flora para Chris.

- Não – disse Chris, tia eu já conheço muito bem esse bairro, não vou me perder, para ser mais rápido, vou mesmo sozinho.

- Está bem, corre meu filho, para comprarem mais rápido, vende só cada galinha a 2.500 kwanzas.

O jovem Chris era novo no bairro e pouco conhecido. Ele estava no Lubango apenas há dois dias e pouco conhecia as ruas. Chris saiu de casa com as duas galinhas e correu para qualquer que se tornou incerta.

Chris mergulhou em todos os seus pensamentos e dormiu repleto de outros pensamentos. Se embrulhou na eternidade de uma imaginação, e voltou ao...

- **CAPÍTULO [1]** -



Dicionário de palavras

- **Fazer cuta**, expressão vulgar que significa comer partilhar a comida entre amigos.
- **Ene (e) oko**; exclamação...com ponto de vista de muita admiração.
- **Caenche**; expressão vulgar, conhecida como homem grande corpulento.
- **Dimbo/hunha**; pau que serve para se defender.
- **Zungueira**; vendedeira ambulante; pessoa que vende de rua a rua, normalmente a pé.
- **Olumana**; palavra da língua africava umbundu, que significa, morder.
- **Tchukússulile**; palavra da língua africava Ngangela, que significa, está amarrada.
- **Nani hõue**; palavra da língua africava ngangela – sig; é o que é isso.
- **Mbuluvulu - katali**; palavra da língua africava ngangela, sig; cão. Animal doméstico.
- **wi**; calão vulgar entre os jovens de Angola; sig; jovem, cara, camarada: meus wis - meu pessoal, galera.
- **Cota**; expressão vulgar, que significa mano, irmão ou companheiro mais velho.

- **Cagar;** Verb trans directo: Separar as fezes ou expelir fezes.
- **Cambalhota:** Verbo intransitivo, que sig, cambalhotar ou rebolar.
- **Uela;** jogo muito popular nas aldeias, feito no chão em buraquinhos e jogado com pedrinhas.
- **Quissangua;** sumo de farinha de milho.
- **Biscato;** trabalho rápido e diário, sem contrato de dias, em que o pagamento é feito logo após o trabalho.
- **Queda;** cair - Substantivo feminino; acto de cair ou fazer cair alguém.

Para ter acesso as outras Publicações de Fernando Cambongue, acesse o site:

(
<http://www.academiadeautoresdahuila.net/Autor.php?i=Fernando+Cambongue>)



O Medo, Descubra o Seu Verdadeiro Nome. (Ano da publicação - 2021)

Se as pessoas te definem com desprezos e você se rende por causa disso; se desistência é a sua bandeira, e fracasso é o seu NOME; espere! Você não é um resto de pessoa, mas um plano perfeito da própria existência; escolhido para vencer. Você está acima de qualquer definição humana. De tudo que você admira, por que não admirar a sua própria existência? Quem te disse que você não presta!, pergunta-lhe o que é a vida?

O Gato que Levou o Cão ao Tribunal. (Ano da publicação - 2020)



O cão e o gato são colegas de trabalho, desfrutam prazeres nos mesmos espaços de casa e no quintal. Mas vale reconhecer que o gato tem mais regalias e acesso dentro de casa. Mas com as regalias que o gato tem

como acesso ilimitado, ainda fica a pergunta, por que o Gato levou o Cão ao tribunal? E, ainda fica outra pergunta, por que se escreve nos portões; Cuidado com o cão?

O Gato que Levou o Cão ao Tribunal é uma comédia rara e digna para pintar seu rosto de sorrisos, e como eupepsia, este livro alimenta a mente com lembranças fies de infância. Todos temos dentro de nós uma criança.



Passos Na Areia. (Ano da publicação - 2020)

Passos Na Areia é um romance digno para qualquer amante de memórias românticas. Trata de um desafio amoroso sem limite, onde Tobonha desafia a distância e nega o impossível. Com a sua mente livre, ele viaja para a imaginação de muitos abraços e se levanta para enfrentar seus sonhos. Mas ao lado do sorriso, encontra uma outra verdade e descobre que as vezes, mesmo antes de cairmos num sono profundo, a noite pode se tornar uma traidora.

SOBRE O AUTOR



António Fernando Cambongue nasceu no Lubango, província da Huíla, em Angola. Estudou Ciências Humanas no antigo Colégio Novo Horizonte, hoje Complexo Escolar Privado - Novo Horizonte, no Lubango.

Trabalhou e estudou no Instituto Superior Politécnico Independente (ISPI) no Lubango, onde aprendeu a desenvolver variados conhecimentos e a aplicá-los com excelência e rigor.

Quando a mente está lúcida, com uma esferográfica na mão, os dedos dançam na pista de papel. Por isso, se vai chover ou não, olha nos céus, não pergunte à galinha.

Na verdade, "**você**" é a **minha inspiração**; enquanto você estiver aí... Ainda tem mais um...

O Dia Que o Sol Não Parou

Autor: António Fernando Cambongue

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a

António Fernando Cambongue

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "**CPLP**" "**SADC**" e "**PALOP**"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais – **Não**

é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

O DIA QUE O SOL NÃO PAROU

-----GALINHA-----

António Fernando Cambongue

Aquele que lê livros de histórias de guerra, se torna num grande professor de histórias, mas aquele que vive um momento de guerra, conta a história e sente remorso por ela.

.....

Na história de todos os acontecimentos, muitas dúvidas e reclamações ficaram marcadas. Pela primeira vez em toda história; os bruxos, gatunos e bandidos se reuniram, juntos discutiam esse acontecimento que os impediu de trabalhar nessa noite de muita agitação.

Entre eles se complicavam.

- Vamos reclamar isso nos sobas...
- Nós somos bruxos, o soba vai nos reconhecer...
- Então vamos discutir e reclamar isso na polícia...
- Não! Nós somos bandidos, na polícia vão nos meter na cadeia.

.....

Como pedras e flechas que têm olhos em sua direção, e sem hipótese de esquivá-las, a dor preencheu o seu interior... suplicou, - sol, pare!

Chris estava numa situação de alto alarme, suplicou ao sol que parasse, mas o sol não parou, a noite chegou e ela ressuscitou outro inimigo, o mais perigoso e, esse inimigo, vestido de fúria dominou todo tempo a seu favor... e... como num concurso de artes, o palco das cenas se abriu; a comédia, o romance, a acção e a ciência ocuparam as páginas de cada minuto da noite... mas o terror não ficou de parte...

.....

Nessa madrugada, os galos não cantaram, e as galinhas se esqueceram de cacarejar. Será que ele vai sobreviver? *(Se vai chover ou não olhe nos céus, não pergunte à galinha)*.

